

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FASA
Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Vítor de Abreu Corrêa
RA: 2027716/2

Testemunho e técnica no jornalismo literário:

contribuição de John Reed

BRASÍLIA
junho/2006

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FASA
Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo

Vítor de Abreu Corrêa
RA: 2027716/2

Testemunho e técnica no jornalismo literário:
contribuição de John Reed

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Centro Universitário de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do título
bacharel em Comunicação Social, com habilitação
em Jornalismo.

Orientador: Prof. Paulo Paniago

BRASÍLIA
junho/2006

Vítor de Abreu Corrêa

Testemunho e técnica no jornalismo literário:

contribuição de John Reed

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Centro Universitário de Brasília,
como requisito parcial à obtenção do título
bacharel em Comunicação Social, com habilitação
em Jornalismo.

Banca Examinadora:
Brasília, junho de 2006

Prof. Mestre Paulo Paniago - UniCeub

Prof. Mestre Lunde Braghini

Prof. Marccone Gonçalves - UniCeub

**“Se lemos algo com dificuldade, o autor
fracassou.”**

Jorge Luis Borges

**Agradeço a todos que me
incentivaram e colaboraram
para a realização deste trabalho**

RESUMO

O diferencial de cada jornalista está na apuração e na narrativa. John Reed desenvolveu ambos os elementos de forma peculiar: escreveu mediante testemunho; arriscou a vida para não perder um “lance”; detalhou situações, personagens e ambientes para dar compreensão maior ao leitor; e, por fim, descartou a neutralidade, ao interpretar fatos. Essas características o aproximam do jornalismo literário e o afastam do romance realista e do *New Journalism*, quanto à ficção e a busca de uma “verdade maior”, respectivamente. O trabalho de Reed, como correspondente internacional, era o de informar por meio do testemunho parcial. Ao revisitar a obra do autor, duas polêmicas são levantadas: para fazer jornalismo, é preciso, necessariamente, ver os episódios?; e é legítimo reportagem sem distanciamento do repórter?

Palavras-chave: Apuração. Jornalismo literário. Jornalismo testemunho. Narrativa jornalística. Objetividade. Reportagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PROCEDIMENTOS DE TRABALHO	10
I EVOLUÇÃO DO JORNALISMO LITERÁRIO.....	12
2 TESTEMUNHO NAS COBERTURAS DE JOHN REED	20
2.1 Curiosidade perigosa em terras mexicanas	25
2.2 Em busca do <i>front</i> no Leste Europeu	29
2.3 Nascimento de um novo mundo na Rússia	34
3 TÉCNICAS NARRATIVAS DE JOHN REED	41
3.1 Objetividade subjetiva	47
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

De 1914 a 1917, John Reed viveu o ápice da carreira jornalística. No curto período, entrou para história, ao cobrir, como correspondente internacional, três acontecimentos de magnitude: Revolução Mexicana, Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa. Desses trabalhos, surgiu, nas palavras do jornalista Zuenir Ventura (2002, p. 9), o “clássico” e “épico” *Dez dias que abalaram o mundo*, relato testemunhal do primeiro levante mundial socialista.

No capítulo 1, *Evolução do jornalismo literário*, apresenta-se as transformações sofridas pelo romance, após a ascensão burguesa ao poder. Esse breve histórico, faz-se necessário, para a compreensão do papel ocupado pela reportagem reedniana: entre o surgimento do romance realista e do jornalismo e a propagação do *New Journalism* e da doutrina da objetividade. Toda a lógica, do capítulo, gira em torno, principalmente, das percepções textuais reais e ficcionais.

No capítulo 2, *Testemunho nas coberturas de John Reed*, a óptica sai do geral e vai para o particular, no caso, vida e obra do autor. Há registros da infância e ideais da juventude, até ingressar na Universidade de Harvard. A partir daí, cresce a influência de duas paixões de Reed: jornalismo e socialismo. O ponto marcante do capítulo, porém, são as coberturas dele como correspondente internacional no México, Leste Europeu e Rússia. Cada experiência, dividida em sub-capítulos, é mostrada do início ao fim. Ou seja, do envio como repórter, passando pelas dificuldades de apuração, até o desfecho da história e do trabalho jornalístico. Uma das características centrais de Reed – o testemunho “ao vivo” – é fartamente explorado. Chama atenção, no decorrer do texto, as dezenas de vezes que o autor quase morreu, em função da ânsia de presenciar fatos.

No capítulo 3, *Técnicas narrativas de John Reed*, não mais tem destaque a apuração e, sim, a redação das reportagens. Como Reed escrevia seus textos? Tenta-se responder perguntas como estas. Conforme se lê, ganha corpo, de um lado, noções de jornalismo literário, narrativas detalhistas e, de outro, problemáticas envolvendo objetividade e subjetividade. O que se constata, por fim, é que as características apresentadas credenciaram John Reed, literária e jornalisticamente, como um profissional diferenciado dos demais.

Além da habilidade narrativa, Reed tinha gosto pela militância política. A vivência, advinda com o trabalho jornalístico, mexeu com a mente do repórter. Afinal, dançou e dormiu ao lado de guerrilheiros mexicanos, liderados pelo lendário Pancho Villa, viu os

estragos da guerra – mortes e cidades em ruínas –, causados pela cobiça de governos beligerantes. Por fim, esteve na Rússia, *em 1917*¹. Ao morrer, três anos depois – em 1920 –, John Reed foi o único ocidental enterrado “na Praça Vermelha, ao lado do Kremlin [em Moscou], como herói da União Soviética” (FUSER, 1996, p. 35).

¹ Grifo do autor desta monografia.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

O objetivo inicial deste trabalho era demonstrar a contribuição de John Reed para o jornalismo literário. Antes, porém, foi necessário reunir elementos que o classificasse no gênero. Uma vez feito isso, percebeu-se que o repórter norte-americano possuía características que extrapolavam as técnicas previstas. Procurou-se, então, analisar três coberturas internacionais, do jornalista, transcritas em livros – *México rebelde*, *Guerra do Balcãs* e *Dez dias que abalaram o mundo* –, para o estudo de caso. Além da obra de Reed, alguns autores – Albert Chillón, Mário Mesquita, Gaye Tchuman, Eugênio Bucci, Igor Fuser, por exemplo – serviram de base teórica para a pesquisa.

Num momento em que o jornalismo contemporâneo se esconde no discurso objetivo e torna a arte de reportar em fórmula mecânica, estudar John Reed traz novas esperanças. Ele deixava claro, desde o princípio, que não era neutro. Pelo contrário, se posicionava, com autoridade de quem testemunhou os acontecimentos, e, assim, explicava o por quê. Com a doutrina da objetividade, veículos de comunicação adotaram discurso único, como se a verdade fosse uma só. Em vez de informar, acabam por enganar o público, pois este acredita que o que é lido é fato. Chamou-se isso de “construção de consensos”.

Sabe-se que um episódio tem várias versões. Elas, contudo, não aparecem na grande imprensa brasileira. Por que? O teórico português Mário Mesquita ensinou: “O distanciamento e a neutralidade do jornalista cedem frequentemente lugar a diferentes atitudes dos profissionais, em nome de valores ausentes dos códigos profissionais, mas presentes nas normas não escritas das empresas midiáticas” (2005, p. 28).

Para que todos falem a mesma língua, entrou em cena a famosa objetividade. Ela mecanizou, engessou os textos jornalísticos. Fez com que reportagem fosse exceção e notícia, destaque. O certo seriam relatos puramente factuais, como se o fato falasse por si só ou a imagem informasse sozinha. John Reed foi na contra-mão de tudo isso e, provavelmente sem perceber, influenciou gerações de comunicadores. Não os que seguem a doutrina, mas os que acreditam que a função social do jornalista é a de entender os acontecimentos para interpretá-los e contá-los, com clareza, ao público.

Reed conquistou tal êxito não graças a manuais de redação, que à época nem existiam, mas graças à percepção de que informação testemunhal e fiel às versões dos fatos é o que vale. Reed pensou isto para escrever o clássico *Dez dias que abalaram o mundo*:

Não importa a opinião que se tenha do bolchevismo. O fato inegável é que a Revolução Russa é um dos grandes acontecimentos na história da humanidade, e a

ascensão dos bolcheviques é um fenômeno de importância mundial. Do mesmo modo que os historiadores pesquisam os registros para reconstruir detalhadamente a história da Comuna de Paris, eles também desejarão saber o que aconteceu em Petrogrado em novembro de 1917, que espírito motivou o povo, como eram seus líderes – sua aparência, suas palavras, suas atitudes. (REED, 2002a, p. 47)

I EVOLUÇÃO DO JORNALISMO LITERÁRIO

John Reed (1887-1920) desenvolveu uma narrativa textual inovadora no decorrer da carreira, sobretudo, no clássico livro *Dez dias que abalaram o mundo*. A performance rendeu-lhe diferentes elogios póstumos. O escritor John dos Passos, por exemplo, apregoou ser ele o “o melhor escritor norte-americano de seu tempo” (*apud* FAERMAN, 1998, p. 159). O jornalista Walter Lippmann, contemporâneo de universidade de Reed, foi além: identificou-o como um “gênio” (*apud* REED, 2000, p. 9). Antes de analisar, porém, tal característica, é relevante situar qual o contexto social e político da época – início do século XX – e de que forma os acontecimentos influenciaram o autor.

Para tanto, torna-se necessário retornar a fins do século XVIII. Sem dúvida, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial “sacudiram” as estruturas. A transformação foi tamanha que alterou todo sistema político, ao instituir os Estados nacionais e suas respectivas leis. Enfim, a ascensão capitalista deu, definitivamente, outro rumo ao planeta.

O teórico espanhol Albert Chillón enumerou, ao menos, cinco modificações pontuais na sociedade de então:

[1] A escolarização crescente de importantes setores da população masculina, [2] o crescimento das cidades e a da sociedade urbana em detrimento do campo e da comunidade rural, [3] o incremento da mobilidade social e territorial, [4] a proletarianização de estratos sociais antes vinculados à economia agrária e [5] o acesso sucessivo das novas classes burguesas, agora libertadas dos freios do Antigo Regime, eram entre outros, ingredientes básicos de um novo *milieu* social. (CHILLÓN, 1999, p. 90)²

Como não podia ser diferente, o liberalismo influenciou, além da política, a economia, a religião e a cultura. Esta reconfigurou-se pela concepção de mundo da nova classe dominante: os burgueses. Antes alheio à literatura, direcionada à classe aristocrática, o burguês buscou “captar a complexidade da sociedade e do movimento histórico” (CHILLÓN, 1999, p. 83). Oposto à idéia de romance mais factual, o romantismo de então, segundo Martí de Riquer (*apud* CHILLÓN, 1999, p. 82), narrava, em prosa, “acontecimentos inventados que se utilizavam de personagens imaginários que se encontravam em momentos conflituosos e que normalmente conduziam a um final feliz”. Ou seja, o romantismo baseava-se exclusivamente na ficção.

Antes das transformações do século XVIII, e da conseqüente ascensão burguesa ao poder, contudo, já ganhava as primeiras formas uma literatura mais verossímil da realidade. Para Albert Chillón (1999, p. 77), “um dos primeiros exemplos de simbiose entre literatura

² Todas as citações acerca do teórico espanhol Albert Chillón foram traduzidas pelo autor desta monografia.

e jornalismo de que se tem notícia foi a obra do escritor que era, às vezes, romancista excepcional e jornalista influente”: o inglês Daniel Defoe (1660-1731). Ele é lembrado hoje pelo ficcional *Robinson Crusoe*, de 1719 – livro que segue o tradicional enredo romântico: conta a incrível estória de um naufrago isolado numa ilha por 28 anos e que, posteriormente, é libertado por piratas.

Com *Um diário do ano da peste*, de 1722, entretanto, o autor seria considerado um dos precursores do romance realista, disseminado no século XIX, e do próprio jornalismo literário. Segundo Chillón, o relato é “a primeira reportagem romanesca conhecida [...], uma minuciosa reconstrução da epidemia de peste bubônica que assolou a cidade Londres em 1665” (1999, p. 77) – responsável pela morte 17, 4 mil pessoas. O livro foi baseado em jornais da época e em entrevistas com sobreviventes. Para o estudioso em literatura José Maria Valverde, “Defoe, em suas grandes obras, queria atribuir como reportagem autêntica, em primeira pessoa, o que de fato era elaboração indireta sobre observações e testemunhos; mas também lhe ocorria que o que era documento direto, tomou-se como invenção” (*apud* CHILLÓN, 1999, p. 78). Denota-se, então, o início da polêmica envolvendo o real e o ficcional na escrita jornalística.

Esta experiência – aliada a dos também escritores ingleses Samuel Richardson e Henry Fielding – contribuiu para consolidação futura do romance realista. O gênero – “fenômeno literário mais importante do século XIX” – resgatava a “mimesis” (representação da realidade), de Platão e Aristóteles. Ele revelava “o espírito nada romântico da burguesia ascendente, classe imbuída pela ideologia do utilitarismo econômico e pelo culto a descrição positivista da sociedade” (CHILLÓN, 1999, p. 89).

Para melhor representar o real, os escritores, no decorrer dos anos, adotaram diversas características. Honoré de Balzac, por exemplo, inovou ao “explorar a sociedade francesa de sua época”, com retratos dos “tipos humanos emblemáticos, como o médico, o padre” etc. (CHILLÓN, 1999, p. 89). Na verdade, começaram a aparecer personagens anônimos. Como se verá mais à frente, a abordagem do cidadão comum foi presença constante na obra de John Reed.

Sob a lógica da leitura como mercadoria, surgiu, com a disseminação do romance, um jornalismo popular – primeira “conexão da literatura com a nova imprensa diária”. Tais periódicos apelavam para a “lágrima fácil” e para os “estereótipos”, como forma de atrair leitores (CHILLÓN, 1999, p. 90-1).

Este “casamento” entre literatura e jornalismo, iniciado com o escritor Daniel Defoe e com o romance de folhetim, deu origem ao que se chama hoje jornalismo literário. Para chegar lá, no entanto, foram necessários muitos degraus. Um deles: Qual a efetiva carga de realismo pretendida com o então gênero idealizado pela burguesia?

O romance do século XIX não descobriu o realismo, tão antigo provavelmente como a arte literária, mas sim estabeleceu uma dimensão inédita: não se tratava de um realismo superficial, parcial, limitado a descrição cômica dos meios sociais baixos, senão de um realismo *problemático* cada vez mais consciente da complexidade das transformações sociais da época. (CHILLÓN, 1999, p. 93-94)

A busca pela verossimilhança era tão enraizada que propunha “o divórcio radical entre ficção e realidade”. O defensor veemente desta ruptura foi o francês Gustave Flaubert. O factual era tão importante que, ele próprio, instituiu o “*realismo objetivo*”³, por meio do “narrador onipresente” e da “perfeita construção das frases”. Para Chillón (1999, p. 94), “a sua sombra escrevemos hoje”.

Flaubert está para a narração assim como o naturalista Emile Zola está para a apuração. Este italiano, autor de *O Germinal*, em 1885, desenvolveu “um rigoroso método de investigação documental” e de entrevistas, o que o tornou, segundo Chillón (1999, p. 102), um indiscutível “precedente direto” da forma de captar informação. Neste campo, Reed destacou-se ao consultar (e, ao final, colecionar), por exemplo, as edições diárias do jornal *Bulletin de la Presse*, da “primavera de 1917 ao fim de janeiro de 1918”, como alternativa à cobertura feita “ao vivo”, pelo mesmo, da Revolução Russa (REED, 2002, p. 67).

É importante notar que houve, conforme Chillón (1999, p. 107), duas formas de retratar a “sensibilidade realista” ou a “fome de realidade”: uma de “teor ficcional”, que propunha representações verossímeis da vida social da época – o romance realista; outra de “teor factual”, que propunha representações verídicas – a escrita jornalística.

Contudo, todo o esforço para tornar o romance mais factual não foi em vão. Além das contribuições levantadas, a nova prosa literária forneceu ainda a prática do testemunho – fundamental para a disseminação de autobiografias e biografias, crônicas, relatos de viagens e costumes, principalmente. Características, estas, revistas freqüentemente pelo jornalismo.

Em particular, o jornalismo literário utilizou-se e ainda se utiliza dos elementos presentes na narrativa de ficção. Chillón a denominou “reportagem romanesca” e atribuiu o advento à questão comercial, assim como o antigo romance folhetim.

³ Grifo do autor. Expressão usado por Mario Vargas Llosa (*apud* CHILLÓN, 1999, p. 95) para designar uma possível “verdade positiva”.

A reportagem romanesca se explica, em parte, pela tendência da nova imprensa de massa de aumentar suas tiragens a base de [...] publicar narrações de ficção escritas por autores famosos e bons relatos romanceados sobre a atualidade informativa, em forma de histórias de interesse humano. (1999, p. 144)

O jornalismo de massa do início do século XX, por outro lado, possuiu características, a princípio, conflitantes com a designada reportagem romanesca, como “a formulação da doutrina da objetividade informativa” e “a adaptação na escrita [...] de exigências de clareza, exatidão, brevidade e amenidade” (CHILLÓN, 1999, p. 144).

Da fusão da reportagem com o romance ganhou força um terceiro gênero: o romance naturalista, profundamente praticado por Emile Zola, no século XIX. Além do rigor documental e verbal, havia, nos seguidores do escritor, observação direta da realidade social e observação pessoal dos acontecimentos e indivíduos. Assim, se “conjugava a reunião de fatos verificados com os benefícios da imaginação criadora” (CHILLÓN, 1999, p. 144).

Além dos fatos, a literatura passou a retratar os costumes, outra forma de “captar as novas realidades da época”, essencialmente, a movimentação geográfica com o crescimento das cidades. Se Honoré de Balzac havia direcionado a narrativa para o cotidiano do cidadão, o “*costumbrismo*”⁴ aprofundou tal feito, ao relatar “anedotas, condutas, tiques nervosos e modas”. Enfim, enfatizou a “tipificação dos personagens e situações [...], a descrição epidérmica de ambientes e lugares [...], a anotação de diálogos cotidianos e o comentário pessoal” (CHILLÓN, 1999, p. 127).

É exatamente esta especialidade a essência do trabalho de John Reed: narrar o cotidiano e o pensamento popular em meio a grandes acontecimentos. Percebe-se, na escrita do autor, traços característicos do *costumbrismo*, inicialmente, pela temática das coberturas jornalísticas: Revolução Mexicana, em 1914, Primeira Grande Guerra, em 1915-6, e Revolução Russa, em 1917, além do movimento grevista no país de origem, os Estados Unidos.

Os fatos que incitaram Reed foram os que, de alguma forma, mobilizaram diretamente um grande contingente de pessoas – o que reforça a idéia humana do romance realista. No México, um levante popular em função da miséria. No Leste Europeu, uma guerra entre milhares de soldados, que, pela primeira vez, chamou-se de mundial. E, finalmente, na Rússia, o grito de misericórdia operário e camponês pela conquista do poder.

Os textos jornalísticos de então eram escritos para todas as classes sociais, conforme pregavam os próprios burgueses. Ocorreu, entretanto, que novas perspectivas políticas

⁴ Expressão, utilizada por Albert Chillón, que humanizou, ainda mais, o romance ao retratar os costumes.

ganharam força, em oposição ao regime capitalista: socialismo, comunismo e anarquismo. Assim, o ideal baluarte do século XIX – revolução social – passou a ser empregado à margem do controle burguês.

Uma poderosa corrente de escritores, da literatura e do jornalismo, sentiu a necessidade de elaborar obras éticas e esteticamente vinculadas aos fenômenos sociais do momento: a luta de classes, as novas condições da vida urbana [...] e a corrupção política e financeira foram seus temas prediletos. (CHILLÓN, 1999, p. 145)

São os autores que Chillón (1999, p. 150-1) chamou de “*muckrakers*”: repórteres que se dedicaram a investigar, com fins de denúncia social, os temas relacionados acima. E foi justamente a aliança do caráter humanista ao engajado que norteou a carreira dos principais jornalistas literários do início do século XX, entre eles, “o mais famoso”, John Reed.

Também conhecidos como “escavadores de vidas alheias”, alguns *muckrakers* – sobretudo os norte-americanos Upton Sinclair e Jack London – alternaram imaginação e realidade: não abordavam “fatos autênticos”, senão representações verossímeis; compunham textos com forte ideário socialista, porém, principalmente London, repleto de ficção (CHILLÓN, 1999, p. 152-3).

O caminho trilhado por Reed, todavia, seria outro. Para retratar as palpitações do tempo, aplicou, simultaneamente, narrativa ficcional (própria do romance) e experiência real (campo jornalístico). O resultado: um texto que foge à objetividade, ao esclarecer o posicionamento tomado; e se restringe aos acontecimentos tal como foram vistos.

Contestações, como as de Reed, ao capitalismo – nas duas primeiras décadas do século XX – se elevaram na imprensa norte-americana, com a influência dos sindicatos em formação e a organização de greves. Assim, acentuou-se também uma doutrina já em franca expansão e caracterizada com o advento do telégrafo, em 1844: a objetividade jornalística.

O detalhamento de tal princípio força o registro de como se sucedeu a Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-5). A nova tecnologia de então – o telégrafo – deu velocidade à transmissão de notícias. Informações que demoravam dias para serem repassadas pelo serviço expresso a cavalo, passaram a chegar em minutos.

Para o historiador Edwin Emery (1962, p. 310), dois fatores contribuíram para a afirmação de notícias objetivas: 1) relato “mais conciso”, com omissão de “opinião e [e de] colorido”, a fim de conter custos com o telégrafo; 2) e disseminação do *lead* – primeiro

parágrafo de uma notícia – pela hesitação dos repórteres “que temiam que seus despachos completos poderiam não chegar”⁵.

Aliado a estas razões “técnicas”, a objetividade jornalística se consolidou, de fato, pelo o aspecto político. A disputa entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos (Guerra de Secessão) dividiu a imprensa entre as respectivas regiões. Assim, os periódicos adotaram ideologias distintas e, por vezes, antagônicas. Como, ao findar o conflito, conter os ânimos entre os veículos e possibilitar a reunificação do país sem maiores traumas? Simples, acabar com o partidarismo e fazer com que a imprensa adotasse discurso único, que contasse somente o fato.

Emery credita ainda exigências do público, com o novo ambiente pacífico norte-americano: “Leitores queriam estar seguros e poder formar opinião própria baseada numa apresentação realista e compreensiva das notícias” (1962, p. 317-8). No desenrolar da guerra, os próprios editores buscaram tal objetividade como forma de “driblar” a censura imposta entre os lados beligerantes – no caso, o Sul e o Norte. De acordo com Emery, a superintendência da *Press Association* (uma das primeiras agências de notícias, com 43 diários sulistas associados) passou a defender informações confiáveis e o “furo” – notícia exclusiva, em primeira mão – foi deixado de lado. Isso agradou aos militares do Sul. Desta forma, os correspondentes da agência foram orientados a “não enviarem opiniões ou comentários acerca dos eventos. Eles foram instruídos a peneirar rumores” (EMERY, 1962, p. 307-8). O historiador ressaltou a importância deste episódio: “A objetividade das matérias da PA [*Press Association*] tem sido observada como formadora de uma ‘revolução completa’ na escrita do jornalismo” (EMERY, 1962, p. 308).

A prática da objetividade jornalística não rendeu apenas adeptos, conquistou as redações por todo o planeta. Não cabe aqui ressaltar prós e contras e, sim, constatar o quão importante foi e continua sendo a doutrina. Nos próximos capítulos, para analisar a obra de John Reed, será levado em conta o conceito de objetividade em contraponto com o de subjetividade.

O distanciamento dos fatos e, por conseqüência do povo, tornou a imprensa, certamente, mais direta. Mas, entre 1950 e 70, nos Estados Unidos, este afastamento chegou ao extremo. Um misto de inquietação política e efervescência artística eclode no que se

⁵ Todas as citações acerca do historiador norte-americano Edwin Emery foram traduzidas pelo orientador desta monografia.

denominou contracultura, agravado por um novo conflito: a Guerra do Vietnã (1959-73). O jornalista Tom Wolfe (2004, p. 50-1) ressaltou que esta época será lembrada pelos “costumes e a moral, os estilos de vida, as atitudes em relação ao mundo” que desencadearam o movimento *hippie*, a militância negra.

Não obstante, pouca atenção – do romance, principalmente, e do jornalismo – foi dada a tal agitação. Segundo Wolfe, “todo esse lado da vida americana que aflorou com a ascensão americana do pós-guerra enfim destampou [... e] os romancistas simplesmente viraram as costas para tudo isso” (2004, p. 51). Foi o retrocesso do que se pregava no século XIX: representação da realidade. Para resgatar este legado, “poucos jornalistas perplexos” começaram a reportar a revolução social norte-americana em curso. Convencionou-se classificá-los de novos jornalistas. Estas reportagens tinham, inclusive, outra especificidade: novamente a utilização de técnicas do romance realista. Diferentemente do jornalismo literário do início do século XX, porém, o *New Journalism* – com destaque para Wolfe – definiu quatro técnicas básicas e obrigatórias para caracterização do gênero: 1) uso de diálogos; 2) construção cena a cena; 3) apresentação de pontos de vista particulares; e 4) riqueza de detalhes pessoais e de ambiente (WOLFE, 2005, p. 53-5).

São deste período autores como Truman Capote (*A sangue frio*), Norman Mailer (*A luta*), Hunter S. Thompson (*Hell's Angels – Medo e delírio sobre duas rodas*), entre tantos outros. Por “n” motivos e até mesmo pelo fato de ter sido o último “casamento” entre literatura e jornalismo, o *New Journalism* ganhou bastante destaque e projeção. Interessa registrar que o jornalismo literário, em si, não teve, à época, uma “teoria” como a desenvolvida por Tom Wolfe. Assim, a soma de todas as experiências anteriores, sem dúvida, possibilitou o aparecimento do *New Journalism*.

Mesmo colocando o gênero como referência, Wolfe (2005, p. 74) reconheceu a necessidade de se “recuar na história do jornalismo e encontrar exemplos de não-ficção escrita por repórteres [...], que apresentam muitas características do novo jornalismo”. Para ele, tais jornalistas, um deles John Reed, não passam de “candidatos não tão ruins”.

Em contraponto a visão de Wolfe, este trabalho observará, nas próximas páginas, a importância de Reed não para o *New Journalism* e, sim, para o jornalismo literário e para o jornalismo testemunho. Mais que isso: abordará as características narrativas próprias do autor que cobriu acontecimentos mundiais lembrados até hoje em apenas três anos: de 1914 a 17.

O contexto reedniano localiza-se entre o florescente romance realista do século XIX (ficção) e o badalado *New Journalism* (factual). Esta ligação se explica pelas inúmeras peculiaridades do autor: subjetividade, narração em primeira pessoa e, por vezes, protagonista, bastidores dos fatos, cotidiano popular, diálogos, costumes, apuração rigorosa, cobertura “ao vivo”.

Enquanto muitos jornalistas literários mesclaram ou debandaram para a ficção, com o lançamento de romances, John Reed nunca se aventurou neste campo. Mas chegou a dedicar-se, praticamente por tempo integral, à atuação política (no Partido Comunista Operário dos Estados Unidos e na Internacional Comunista) nos anos que antecederam sua morte por tifo, a três dias de completar 33 anos, em 1920.

2 TESTEMUNHO NAS COBERTURAS DE JOHN REED

Mesmo com a morte precoce e por escrever e testemunhar, sobretudo, a primeira revolução socialista do planeta – a russa de 1917 –, John Reed é leitura lembrada constantemente por movimentos mundiais de esquerda. Ainda assim, a vida do autor é desconhecida até mesmo pelos mais engajados leitores brasileiros. Das sete biografias existentes, nenhuma foi traduzida para o português.

Ele próprio pensava na autobiografia. No entanto, o curto tempo de vida o impediu de concretizá-la. A primeira parte deste desejo chegou a ser escrita nas proximidades de completar trinta anos, em 1917, e foi publicada somente 19 anos depois, na revista *New Republic*. Trata-se do relato nostálgico da juventude *Quase trinta*⁶. Nele, Reed discorreu sobre a infância triste na cidade natal, Portland, no Oregon. Nascido em 22 de outubro de 1887, aprendeu a ler com a mãe, Margaret Green Reed. A partir daí, mergulhou numa “orgia de livros” dedicados a histórias de reis arrogantes e “os soldados em suas armaduras avançadas em formação cerrada contra uma chuva de lanças”. Chegou, inclusive, aos nove anos, a esboçar *Uma histórica cômica dos Estados Unidos*, a fim de interpretar imaginativamente o que não entendia (REED, 2001, p. 25-6). A criança John Reed mal sabia que, no futuro, tomaria caminho inverso no campo das letras: interpretaria acontecimentos reais que informariam gerações.

Muito doente – teve um rim retirado aos dezesseis anos (KNUDSON, 2003, p. 61)⁷ – declarou não ser “completamente feliz”: tinha pouca “força física ou espírito de luta suficientes para ser bom nos esportes – salvo a natação” e reduzido grupo de amigos. Assumiu ainda ser, “em boa medida, um covarde”. Reed contou, em *Quase trinta*, acontecimentos infantis peculiares acerca desta “horrível angústia de medo”: “Certa vez, quando fazia parte do conselho editorial do jornal da escola, um garoto a quem eu temia me avisou que não deveria publicar um parágrafo jocoso que havia escrito sobre ele – e não publiquei...” (REED, 2001, p. 28-9). Se vivo, anos mais tarde, o senhor Charles Jerome Reed se surpreenderia ao ver o filho em *fronts* de batalha, ao lado de guerrilheiros mexicanos, soldados europeus ou populares russos. Isso porque, esclareceu Reed: “Deve ter sido desapontador para meu pai saber que eu era assim [covarde], apesar de ele nunca ter falado nada disso” (REED, 2001, p. 29).

⁶ Publicado, em português, no livro *Eu vi um novo mundo nascer*, de John Reed.

⁷ Todas as citações acerca do norte-americano Jerry Knudson, especialista em imprensa latino-americana, foram traduzidas por Olga Baginska.

Aos 16 anos, os pais o encaminham a um internato em New Jersey. A mudança seria significativa para ele. Lá, jogou futebol e participou de corridas, publicou histórias e versos em jornais da escola e mais: “Me envolvi em uma ou duas brigas, e venci” (REED, 2001, p. 30).

Feliz e autoconfiante, três anos depois, ingressou na Universidade de Harvard. Em *John Reed – um repórter no México revolucionário*, o professor de Comunicação Jerry Knudson (2003, p. 61) contou que o jornalista, por ser originário do Leste dos Estados Unidos, foi “considerado novo-rico” e rejeitado pela maioria da elite pensante dos estudantes da instituição. Para custear os estudos, Reed explicou que “somente muito tempo depois ficamos sabendo o quanto nossos pais [ele tinha um irmão] haviam se sacrificado para que pudéssemos estudar, e como meu pai, em particular, se consumiu para que tivéssemos uma vida de filhos de família abastada” (REED, 2001, p. 30).

Na faculdade, aproximou-se de duas atividades que marcariam a própria vida: jornalismo e socialismo. O jovem inseriu-se no trabalho com periódicos – a *Lampoon*, revista de humor, por exemplo – para encerrar de vez a solidão reinante em seu meio acadêmico. Com tal objetivo, ocupou, até mesmo, o cargo de editor em dois jornais universitários. Segundo o escritor Ian Frazier⁸ (2002, p. 33), em *O olhar fixo de John Reed*, sob influência do “colega de sala” e futuro jornalista Walter Lippman, foi criado o Clube Socialista de Harvard. “Isso fez com que eu, e muitos outros, nos déssemos conta de que algo mais emocionante do que as atividades universitárias ocorria naquele insípido mundo lá fora”, notou Reed (2001, p. 33-4).

Além de Lippman, outra pessoa marcaria profundamente a formação do repórter: o professor de redação em Harvard, Charles Townsend Copeland. Ele, de acordo com Frazier, “estimulava seus alunos a escrever em linguagem simples sobre suas experiências e para olhar (nas palavras de Reed) para ‘as belezas escondidas no mundo visível’” (2002, p. 31). Tais lições foram assimiladas pelo autor e se comprovaram na dedicatória de seu primeiro livro: *México rebelde*, de 1914. “Ao registrar estas impressões sobre o México, não posso deixar de pensar que jamais teria visto o que vi, senão através de seus ensinamentos”⁹ (REED, 1968, p. 1).

⁸ Todas as citações acerca do norte-americano Ian Frazier, colaborador da revista *The New Yorker* e autor de diversos livros de não-ficção, foram traduzidas por Ana Carolina Sarres.

⁹ Todas as citações do livro *México rebelde* tiveram a língua portuguesa atualizada pelo autor desta monografia.

Já formado, Reed viajou sem destino certo pela Europa, sendo preso em duas circunstâncias: na Inglaterra, ao ser acusado de assassinar o amigo com quem andava e, na França, por embarcar num navio clandestinamente. De volta aos Estados Unidos, trabalhou na *American Magazine* e *Metropolitan Magazine*, ambas por interferência direta do jornalista e amigo da família Lincoln Steffens (KNUDSON, 2003, p. 61). O repórter reconheceu ser este o responsável pelas “minhas idéias mais que qualquer outro homem” (REED, 2001, p. 35).

Instalado em Nova York, as diferenças sociais do local passaram a martelar a cabeça de Reed. “Nas minhas incursões pela cidade, não podia ajudar mas observava a feiúra da pobreza e todas as seqüelas de seus males, a cruel desigualdade entre os ricos [...] e os pobres [...]”, disse em *Quase trinta*. Interessou-se, deste modo, por “socialistas, anarquistas, [...] líderes operários e, além disso, [por] todos os utópicos minuciosos e teóricos insignificantes que se agarram às saias da mudança”. A luta de classes ficaria marcada em uma reportagem que transformou, de vez, os ideais do jornalista: a cobertura da greve do setor têxtil em Paterson, New Jersey, em 1913, que levou 2,3 mil trabalhadores para cadeia. “Eu soube então, e não foi pelos livros, como os trabalhadores produzem toda a riqueza do mundo, e que esta vai para aqueles que nada fazem para merecê-la” (REED, 2001, p. 37).

Tais prisões foram testemunhadas pelo autor, que, já no início de *Guerra em Paterson*, alertou o público: “Deixem-me dizer o que eu vi [...] e depois vocês dirão qual dos lados dessa luta é ‘anarquista’ e ‘contrário aos ideais norte-americanos’” (REED, 2001, p. 41). A referida reportagem foi publicada na revista mensal *The Masses* – que contou com a colaboração de Reed até a última edição, em 1917. O editor do “pequeno” periódico “revolucionário”, Max Eastman, garantiu que o jornalista “não importava onde estivesse, nunca deixou de nos enviar histórias melhores que aquelas que vendia para seus empregadores” (*apud* REED, 2000, p. 11).

Depois de matérias, como a da greve dos trabalhadores de New Jersey, John Reed iniciaria carreira como correspondente internacional, marcada até os dias de hoje. Assim, foi enviado para cobrir, de perto, a Revolução Mexicana, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa. Para testemunhar tais eventos, o jornalista se aventurou, se arriscou e até participou deles. O repórter sentia necessidade de avistar, assistir e entrevistar pessoalmente. Não obstante, quando se referiu às coberturas, usou expressões do tipo “a história tal como vi” (REED, 2002a, p. 39).

Segundo Albert Chillón, a cobertura “ao vivo” e participativa trouxe a Reed pontos positivos e negativos.

Com a participação direta nos fatos que narra, Reed perde, talvez, distanciamento intelectual, perspectiva de conjunto, mas seu testemunho ganha em imediatez e plasticidade e, acima de tudo, proporciona ao leitor um ponto de vista privilegiado, situado justamente durante os acontecimentos e situações relatadas. (1999, p. 156)

A vantagem, portanto, foi a de apurar no “calor dos acontecimentos”. Ele pôde conversar com pessoas da época, protagonistas e populares, e pôde descrever situações e fatos por conta própria. Por vezes, Reed usou, unicamente para auxiliá-lo, meios impressos, como jornais, despachos, proclamações. Numa cobertura posterior, o mesmo dificilmente aconteceria. Profissionais que escrevem sobre eventos passados esbarram, sobretudo, na escassez de investigação. Apesar dos méritos, esta apuração torna-se limitada, uma vez que recria fatos, por meio de terceiros que também não presenciaram o episódio em questão, e de documentos.

Na antologia sobre o *New Journalism*, Tom Wolfe revelou o valor do testemunho para os novos jornalistas, no que se refere à captação de informações. “Parecia absolutamente importante *estar ali* quando ocorressem cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente. A idéia era dar a descrição objetiva completa” (2004, p. 37). Este direcionamento parece ter sido o mesmo de Reed, visto que as características apontadas por Wolfe permeiam toda a obra do autor.

Desta maneira, pode-se dizer que o texto de Reed não se mecanizou com a formação da doutrina da objetividade. Evidente que, à época, o rigor técnico deste princípio não era como o de hoje: pirâmide invertida, *lead*. A reportagem, nas mãos dele, ganhou ares de engajamento despretensioso, inicialmente, e rígido, mais tarde. Isso fez com que o autor fizesse matérias simultaneamente informativas e interpretativas, ao dar resposta e compreensão aos acontecimentos. Na orelha de *A arte da reportagem*, o jornalista Eugênio Bucci, avalia que a reportagem “tem a necessária pretensão de iluminar o significado, de apontar uma direção acima do caos dos eventos cotidianos” (1996). Ao se aprofundar nas coberturas, Reed assumia esse risco de tirar conclusões com base na experiência vivenciada. Caso contrário, se a reportagem se ocupasse exclusivamente do fato, como indicou Bucci, ela se assemelharia ao livro didático.

Claro, a objetividade e os fatos são indispensáveis. Mas são insuficientes. Ou a reportagem não seria reportagem. Pegue as enciclopédias. Estão abarrotadas de fatos – e não tem nada a ver com reportagens [...]. Agora pegue os processos criminais. São mais minuciosos em fatos que em direitos. Nem por isso são

reportagens [...]. A questão, portanto, não são os fatos, mas o sentido que eles possam ter. Sozinho, um fato é apenas um detalhe do caos. (1996)

Ou seja, o fato não pode ficar solto. A reportagem exige caminho crítico. Exatamente isso que Reed fez, com a propriedade de quem assistiu o acontecimento “ao vivo”. No artigo *A reportagem*, o professor de jornalismo Pedro Celso Campos afirmou que “boas reportagens transformam-se em pauta para os demais jornais e para a televisão” (2006). No caso do autor de *Dez dias...*, esta premissa tem parcial êxito. O autor deixou de influenciar a TV, pois inexistia ainda, mas suas obras não somente inspiraram concorrentes impressos, como serviram de base para duas produções cinematográficas: *Viva México!* e *Outubro*, do cineasta russo Serguei Eisenstein.

Aí está outro diferencial de John Reed: os livros-reportagens, por trabalharem seres humanos e grandes fatos, ficaram eternizados como retratos de uma época. Hoje, o texto jornalístico, ao desprezar a reportagem, tornou-se reciclável e superficial. Ou, para usar um jargão: o jornal, às 10h do dia em que ganhou circulação, serve apenas para embrulhar peixe na feira. Portanto, ao invés de se prolongar, o texto jornalístico tem tido vida útil de poucas horas. O jornalista Igor Fuser, na apresentação do próprio *A arte da Reportagem*, apontou o problema que levou a esta situação: “Em nome do jornalismo ‘moderno’ e ‘objetivo’ [... adquiriu espaço] um enfoque que privilegia as estatísticas como a medida suprema da verdade. Pesquisas de opinião substituem a realidade viva, perturbadora, contraditória” (1996, p. XV). Configura-se, assim, novo afastamento da realidade, o oposto do que pregavam o romance realista do século XIX, o jornalismo literário e o *New Journalism*.

Em *Quase trinta*, Reed sustentou que a quantidade de coberturas num curto espaço de tempo – três anos – o desgastou. “Vi a civilização mudar, se estender e se suavizar; e a vi se destruir e se esfacelar na explosão violenta da guerra [...]. Ainda não estou completamente entediado, mas sei que logo estarei” (2001, p. 23). Mesmo assim, é inconcebível, com a experiência retratada nas próximas linhas, cogitar que o jornalista pudesse, algum dia, reportar fatos sem presenciá-los.

O testemunho, para ele, era o mesmo que o papel para o jornal. Sem ver, Reed certamente não faria reportagens. Algo raro nos tempos atuais, visto que o rotineiro, nas redações brasileiras, é produzir texto sem “pisar na rua”, direto da redação, por meio de telefone e Internet. Alheio a isso, o jornalista norte-americano acreditava nas palavras e procurava mudar o mundo com elas, apesar da atuação política também o fascinar.

Não posso abandonar a idéia de que fora da democracia nascerá um novo mundo – mais rico, mais corajoso, mais livre, mais belo. Quanto a mim, não sei o que

fazer para ajudar – ainda não sei [...]. E isso me faz mal, perturba minha tranquilidade, me faz escrever propaganda quando preferiria atuar – embora não tanto quanto fiz um dia. (REED, 2001, p. 39)

2.1 Curiosidade perigosa em terras mexicanas

Em dezembro de 1913, o jornalista partiu para o México, como correspondente da *Metropolitan Magazine* e do *New York World*, a fim de acompanhar as turbulências políticas daquele país. A ditadura de 36 anos de Porfírio Díaz tinha caído sob intensos combates internos acerca da “fome pela terra”. Esta era “concentrada em 4.944 fazendas ou grandes propriedades”, sendo que “metade do território nacional pertencia à Igreja Católica”, como “bem intransferível”. Desta maneira,

Francisco Madero [...], líder político da revolução, foi eleito presidente. Parecia que a rebelião tinha acabado. No entanto, Reed ganhou fama em 1913 quando o general Victoriano Huerta encenou uma contra-revolução sangrenta na cidade do México, assassinou Madero [...] e deixou o país mergulhado em guerra civil. A oposição a Huerta formou-se no Noroeste com [Pancho] Villa, no Nordeste com Venustiano Carranza e [Emiliano] Zapata no Sul. (KNUDSON, 2003, p. 61)

Segundo Reed, muitos correspondentes enviados para a cobertura dos acontecimentos não saíram da cidade texana de El Paso (*apud* KNUDSON, 2003, p. 61). Ele, pelo contrário, atravessou a fronteira e encarou “o medo da morte, da mutilação, de uma terra estranha e de um povo estranho, do qual [...] não entendia a língua nem o pensamento”. Tudo, confessou, porque “uma terrível curiosidade me instigava” (REED, 2001, p. 39-40).

Ao cruzar a fronteira, logo a hesitação inicial do autor faria sentido. Em represália a uma nota veiculada por um periódico, foi “proibida a permanência de repórteres na povoação”, sob domínio do exército fiel ao contra-revolucionário Huerta. A fim de remediar a situação, Reed envia “atenciosa solicitação”. A resposta do general Pascual Orozco veio no formato de ameaça: “Estimado e honrado senhor: Se o senhor puser o pé em Ojinaga [cidade mexicana], eu o encostarei ao paredão e com minhas próprias mãos terei o máximo de prazer de fazer-lhe uns buracos nas costelas”. Depois de algum tempo e de ter escapado, “por sorte”, das vistas do militar intimidador, o jornalista conseguiu entrar no México (REED, 1968, p. 4).

Começaria, então, a peregrinação de Reed rumo aos *fronts* de batalha não apenas no México, como também na Europa e na Rússia, posteriormente. Com tal propósito, seguiu até a vila de Las Neves, atraído pelo boato “interessante” de que a tropa constitucionalista (revolucionária, portanto) do general Tomás Urbina “iria para a frente [de conflito] dali a

dois dias”. O percurso foi ganho graças à generosidade de “um árabe carrancudo, Antônio Swayfeta, num caleche [charrete] de duas rodas” (REED, 1968, p. 14).

Vã ilusão: o repórter, ao chegar, voltou a seguir viagem, por dias. Agora, até a fazenda La Cadena, posto mais avançado dos maderistas no Noroeste mexicano – região cujo comandante era Pancho Villa. John Reed, inclusive, foi atraído às tropas deste por uma série de êxitos em “batalhas impressionantes” (KNUDSON, 2003, p. 62). A aproximação com o próprio, porém, viria somente tempos depois. Antes, o jornalista presenciaria um sangrento combate.

Aquartelados, Reed e 150 maderistas estavam há duas léguas – cerca de 26 km – da aldeia de Mapimí, local onde “espreitava o inimigo”: 1,2 mil *colorados*. “São assim chamados por causa de sua bandeira vermelha e também por terem tingido as mãos com o sangue de suas matanças”. O repórter ratificou a crueldade destes “federais irregulares”: “Vi um povoado de quatro mil almas reduzido a cinco depois de uma incursão dos *colorados*”. (REED, 1968, p. 58).

Com efetivo dez vezes menor que o do adversário, o exército constitucionalista era formado por um terço de “peões *novos*, que nunca haviam cheirado a pólvora”, e o restante mal armados, “com carabinas velhas e dez cartuchos para cada um” (REED, 1968, p. 61). As perspectivas não eram das melhores. Por isso, alguns revolucionários, obrigados a recuarem para execução de outras tarefas, suplicaram para que Reed fosse com eles. Ele resistiu: “Eu havia chegado tão perto da frente que já não podia voltar atrás” (REED, 1968, p. 60).

Para o autor de *México rebelde*, nenhum madeirista acreditava realmente numa ofensiva contra-revolucionária à fazenda La Cadena. Com o aviso de que os *colorados* estavam perto, pensou consigo mesmo: “Tu, pobre-diabo, vais ver um combate verdadeiro. Servirá para relatar” (REED, 1968, p. 77-8). Pronto, passados alguns minutos, o desejo de Reed estava concretizado. “Toda a fazenda era uma arena de homens que galopavam, disparavam, gritavam; e tão longe quanto a vista podia alcançar, por todos os cumes do deserto, vinham mais homens” (REED, 1968, p. 83).

Apelidado pelos “companheiros” de “mister”, Reed conseguiu escapar da morte ao praticar um esporte conhecido dos tempos do internato em New Jersey: a corrida. “Eu [...] corria e corria... até que não pude mais. Dei então alguns passos e corri outra vez. Soluçava em vez de respirar. Câimbras terríveis agarravam-me a perna” (REED, 1968, p. 85-6). O autor dedicou dez páginas – da 85 a 94 – do livro *México rebelde* à própria fuga. Apesar de

tudo, “não estava muito assustado [...]. Pareceu-me que, se não escapasse, não desempenharia bem meu cargo”. Atrás do jornalista, vinha um maderista em retirada e, há cem metros dele, dois homens com rifles nas mãos. Contudo, ele persistiu pensando: “Bem, isto é certamente uma experiência. Terei assunto para escrever” (REED, 1968, p. 86).

Num pequeno barranco, entre raízes de um “espesso *mezquite* [arbusto da região desértica]”, escondeu-se dos *colorados*, que se aproximaram “a menos de quatro metros de onde eu estava caído” (REED, 1968, p. 86). O repórter percorreu cerca de oito léguas – 53 km – num só dia e, depois, seguiu até a vila de Santo Domingo, numa charrete. Lá, reencontrou apenas cinquenta sobreviventes, incluídas as mulheres. Ao chegar, brincou, após ter sido considerado morto pela tropa: “Apostei uma corrida com as cabras” (REED, 1968, 95-6).

Satisfeita a ânsia do *front* e já tendo o que “relatar”, John Reed seguiu para Chihuahua, capital do Estado de mesmo nome, sob domínio completo de Pancho Villa. O líder constitucionalista preparava o ataque que lhe daria passagem ao centro do país: San Luis Potosi e cidade do México. Era a batalha pela conquista de Torreón.

O jornalista fixa-se, então, em Chihuahua para acompanhar o aparato governamental instituído por Villa – que tinha sido

um criminoso e um herói do povo depois de ter matado um soldado federal [aos 16 anos] por ter supostamente estuprado a sua irmã. Fugiu para as montanhas de Durango [Estado mexicano], onde passou 22 anos como um bandido, roubando gado de fazendas ricas. Até que a revolução lhe deu um lugar no esquema dos acontecimentos. [Virou] um defensor astuto de [Francisco] Madero. (KNUDSON, 2003, p. 62)

“Amigo dos pobres” ou “Hobin Hood mexicano”, como ficou conhecido – por saquear fazendeiros e distribuir os “frutos da pilhagem entre os pobres” –, Pancho Villa proclamou-se governador do Estado de Chihuahua. Para Reed, tinha começado, desta maneira, uma “extraordinária experiência – extraordinária porque [Villa] não sabia nada sobre essas questões – de organizar com sua cabeça um governo para 300.000 pessoas”. A escassez de dinheiro na região, fez com que o ex-bandido criasse cédulas próprias. Decretou, depois, “pena de sessenta dias de prisão para quem quer que recusasse seu dinheiro” (REED, 1968, p. 112-3, p.117-9). O convívio entre Reed e Villa ocasionou almoços e um apelido jocoso, criado pelo mexicano, ao repórter: “*chatito*” – pela insistência em fazer perguntas já respondidas (REED, 1968, p. 134).

O cerco à cidade de Torreón apertava e o jornalista seguiu em direção ao *front* da batalha, que julgava ser decisiva para o futuro mexicano. Chegou de trem a Jiménez e se

instalou lá, por dois dias, a fim de calcular como continuaria a viagem. Foi o bastante para ser alvo de novo atentado.

Ao chegar tarde da noite ao hotel, Reed percebeu movimentação no bar: dois oficiais bebiam, um deles “já bem alto”. Resolveu, assim, ir para o quarto, “pois nunca se pode saber o que fará um mexicano quando está embriagado. Sua natureza é sumamente complexa”. Momentos depois, “abriu-se bruscamente” a porta do cômodo. Era o tenente Antônio Montoya, o oficial que tinha notado estar “muito embriagado”. O jornalista estava tão fora de si “que a única coisa a fazer era esperar”, depois da declaração inicial de Montoya: “Soube que havia um gringo neste hotel e vim para matá-lo”. Ele ainda pediu “mil desculpas”, pelo porte de duas pistolas antigas, e quando se preparava para a execução – a vítima “estava a ponto de saltar, agachar ou gritar” – fixou a “visão sobre a mesa, onde estava um relógio-pulseria, de uns dois dólares”. Reed instintivamente o entrega a Montoya, que, como um “menino que olha o manejo de algum novo brinquedo mecânico” [...], “levantou os braços ao céu”. Desta forma, o oficial passou a se referir ao gringo como “compadre” e chorou “emocionado”. A cizânia entre ambos acabou na manhã seguinte: Reed e o tenente seguiram juntos, numa charrete, em direção ao *front*, ao custo de três dólares por semana (REED, 1968, 160-1).

O avanço de Pancho Villa sobre Torreón – a cidade mais rica do norte do México – gerava muita expectativa. Circulavam rumores de que os Estados Unidos poderiam intervir no país vizinho. Periódicos norte-americanos enviaram, inclusive, correspondentes para a cobertura da nova incursão revolucionária. Mas era incerta quando a nova ofensiva começaria.

Segundo o autor de *México rebelde*, com o objetivo de surpreender o inimigo, Villa “fechou o serviço de telégrafo [...] e proibiu, sob pena de morte, a quem quer que fosse, levar ou transmitir informes de sua saída para os Estados Unidos” (REED, 1968, p.175). A dificuldade aumentaria ainda mais para John Reed. Sem locomoção, o repórter pediu ao Robin Hood mexicano um cavalo, pois precisava “ir com as avançadas [infantaria]”. A recusa foi sarcástica: “Caramba! Esse nosso amigo quer um cavalo [...]. Ora, vocês correspondentes, da próxima vez vão pedir uma automóvel! Ouça senhor repórter: o senhor sabe que cerca de mil de meus homens não têm cavalo?” (REED, 1968, p. 189). Ou seja, Reed ficou a pé mesmo.

Com o início do combate em Gómez Palacio – cidade que abria caminho a Torreón – , os jornalistas caminhavam lentamente junto às locomotivas, na retaguarda, há alguns quilômetros do *front*. “A cada meia hora, mais ou menos, o trem avançava uns trinta metros e parava outra vez [para reparar a ferrovia]” (REED, 1958, p. 206). Desta forma, Reed assumiu estar numa “impaciência febril” e comparou a situação dos correspondentes a de cachorros: “Éramos como cães encerrados num pátio quando há uma briga de cães lá fora” (REED, 1968, p. 190, p. 210).

Após dois dias, no entanto, foi liberada a circulação de pessoas no campo de batalha. Os correspondentes percorrem dez quilômetros e, graças à informação de um velho mexicano, acharam um caminho não utilizado para “assistir ao combate”: o “canal sem água”. Assim, posicionaram-se quinhentos metros à frente da artilharia da tropa de Villa. (REED, 1968, p. 222-3).

No terceiro ataque, depois de quatro dias de luta, os maderistas finalmente entraram em Gómez Palacio. A cidade foi evacuada, uma vez que os federais contra-revolucionários retrocederam a Torreón. Em *México rebelde*, John Reed abordou os acontecimentos até esta vitória parcial de Pancho Villa.

O autor não presenciou, portanto, o êxito em Torreón. Regressou a El Paso, cidade fronteiriça dos Estados Unidos, em março de 1914, após a desocupação de Gómez Palacio, para noticiar ao mundo os fatos testemunhados (KNUDSON, 2003, p. 64).

No fim, em 1917, a Guerra Civil do México, assim conhecida depois, derrubou o contra-revolucionário Victoriano Huerta e gerou briga pelo poder entre os revolucionários seguidores de Francisco Madeiro. Desta maneira, sob o custo de milhares de mortos, o sonho mexicano de distribuição da terra foi adiado.

2.2 Em busca do *front* no Leste Europeu

Reconhecido pela própria *Metropolitan Magazine* como “o melhor correspondente de guerra” pelo recente trabalho em terras mexicanas, Reed seria enviado, em agosto de 1914, pelo periódico, para a cobertura da Primeira Guerra Mundial (FRANZIER, 2002, p.32). “Estive na Inglaterra, França, Suíça, Itália, Alemanha e Bélgica, e vi os [...] exércitos se enfrentarem. Voltei a Nova York em fevereiro de 1915” (REED, 2002b, p. 11).

Esta experiência gerou complicações diplomáticas ao autor. Segundo o jornalista Ian Frazier, dois correspondentes – John Reed e Robert Dunn – estiveram em trincheiras

alemães e atiraram, estimulados por um tenente, com uma Mauser, “duas vezes em direção das linhas francesas”. O episódio, indicou Frazier, veio a público “em detalhes” no *New York Evening Post*, para o qual Dunn trabalhava. Reed “nunca mencionou o incidente em suas escritas, então sua motivação continua um mistério” (2002, p. 32).

Ainda assim, a *Metropolitan Magazine* “estava ansiosa para publicar as anotações de guerra de Reed” e o enviou, acompanhado do ilustrador Boardman Robinson, como correspondente, novamente para cobrir a Primeira Guerra. Mas, em represália aos disparos de revólver, o governo francês o proibiu de retornar ao país. “Isso significava que a Frente Oeste agora estava fechada para ele [...]. Quando retornou à Europa, no outono de 1915, foi, então, para o *front* Leste” (FRAZIER, 2002, p. 32).

As reportagens da nova viagem comporiam, em 1916, *Guerra dos Bálcãs*. O autor, no prefácio do referido livro, destacou particularidades da cobertura:

[Exceto em raras oportunidades], tivemos a sorte de sempre chegar aos lugares durante relativas calmarias nas hostilidades. Exatamente por essa razão, talvez, fomos mais capazes de observar melhor a vida cotidiana das nações do Leste Europeu diante da tensão constante do conflito armado prolongado. (REED, 2002b, p. 11)

O repórter e o ilustrador chegaram de navio pelo mar Mediterrâneo a Salônica. Reed constatou que a cidade grega era cosmopolita.

Todas as línguas do mundo ocidental são faladas nas ruas estreitas, tumultuadas por muitas pessoas. O espanhol é o idioma comercial entre os nativos, o francês é a língua internacional, e o avanço teutônico no leste fez com que o alemão se tornasse corrente. O italiano é a língua culta da classe alta, o árabe e o turco têm de ser compreendidos, pois os empregadores são árabes e turcos. O grego é universal e o sérvio, albanês e búlgaro são comuns, já que Salônica foi por muito tempo o porto de todos os Bálcãs. (REED, 2002b, p. 22)

Desta forma, sem fluência nem na metade dos idiomas, logo seguiram para a Sérvia e viram os estragos causados pela guerra. Um deles: a epidemia de tifo. Antes de embarcarem no trem, inclusive, receberam sentença de morte de um conterrâneo da companhia petrolífera norte-americana Standard Oil: “– É uma pena – disse Wiley. – Tão jovens... Vocês querem que seus restos mortais sejam enviados para casa ou devemos pedir para enterrá-los lá mesmo?”. Tal pessimismo se explicava, uma vez que viajariam para o “país do tifo – febre tifóide, tifo icteróide e o misterioso e violento tifo exantemático, que mata cinquenta por cento de suas vítimas”. Ainda assim, à época, o jornalista verificou que “a interrupção das chuvas de primavera tinha começado a refrear a epidemia, e o vírus estava mais fraco”. Havia “apenas 100 mil doentes em toda a Sérvia” e “mil mortes por dia” (REED, 2002b, p. 41-2).

Mas não era somente o tifo. Já havia registros, de acordo com Reed, de novas doenças – “varíola”, “escarlatina”, “difteria” e “cólera” –, “com a chegada do verão naquela terra devastada, onde os [...] mortos [eram] enterrados de qualquer jeito, e os riachos estavam poluídos com corpos de homens e de cavalos” (REED, 2002b, p. 42).

Em território sérvio, Reed e Robinson sempre andaram acompanhados de guias ou militares. Desta forma, visitaram três hospitais do tifo, em diferentes cidades. Num deles, em Valievo, observaram doentes atacados por gangrena pós-tifo,

em que a carne se decompõe e os ossos se partem. A única esperança para detê-la é amputar a parte atingida – e esse quarto estava cheio de homens sem braços e pernas, de homens sem partes do rosto e do peito [...]. Para a maior parte deles não havia nada que se pudesse fazer. A carne se decomporia até atingir o coração e o cérebro, e a morte chegaria em meio a uma agonia terrível. (REED, 2002b, p. 100)

Nas montanhas de Goutchevo, dias antes de seguirem para Rússia, estiveram no local da “Batalha Sobre as Nuvens, que durou 54 dias”. Vinte metros separavam as trincheiras inimigas – sérvias e austríacas.

Olhando mais perto vimos algo horripilante: [...] pedaços de uniforme, crânios com cabelos enlameados, sobre os quais ainda estavam pedaços de carnes, ossos brancos com mãos apodrecidas [...]. Um cheiro terrível pairava no ar. Bandos de cães semi-selvagens esgueiravam-se nas margens da floresta, e de longe deu para ver dois deles dilacerando alguma coisa que estava meio coberta sobre o solo. (REED, 2002b, p. 95-6)

Devido a certa calma na própria Sérvia e no país vizinho, a Romênia, decidiram “fazer uma incursão rápida pela Rússia”. O objetivo, como no México, era ir ao *front*. Nesta oportunidade, entretanto, pretendiam testemunhar combates entre os exércitos russo e austríaco. Reed assumiu, posteriormente, que a viagem “foi algo sem precedentes”, pois “as ordens eram muito severas para que nenhum correspondente fosse autorizado” a entrar em zona militar. Mas havia uma brecha: as proibições eram para repórteres vindos no norte (da Alemanha e Áustria, principalmente), e a dupla entrou pelo sul, ao atravessar o rio Pruth – fronteira entre os domínios romenos, austríacos e russos (REED, 2002b, p. 12). A desculpa, caso fossem pegos, era uma “autorização da representação diplomática em Bucareste, para relatar sobre o bem-estar de determinados cidadãos norte-americanos” que moravam no país (REED, 2002b, p. 118).

Assim, chegaram à Nova Sielitzza, auxiliados por um capitão romeno. Desta cidade em diante seguiram sem ajudas, contando somente com recomendações por escrito de oficiais russos. Aconselhado por um deles, rumaram para o norte, onde a “zona de ação” era provável: a cidade de Zalezchik (REED, 2002b, 118). Lá, viram canhões de longo alcance em

ação e soldados feridos. Para ir ao *front*, era necessária permissão do comando da tropa, em Tarnopol.

Uma vez na cidade, Reed e Robinson foram à busca do general Lichisky.

– Então vocês desejam ir ao front? – disse ele [...] – Não entendo como conseguiram chegar até aqui, já que correspondentes não têm permissão para vir a Tarnopol de jeito nenhum. De qualquer forma, seus documentos estão perfeitamente em ordem. Mas não posso permitir que visitem a linha de frente. O grão-duque emitiu uma ordem proibindo-o terminantemente. É melhor vocês irem para [...] Lemberg e ver o que pode ser feito por intermédio do príncipe Bobrinski, governador-geral [do Estado da] Galícia. (REED, 2002b, p. 139)

Como “ninguém sabia quando partia o trem” para o próximo destino, a dupla caminhou pela cidade. Ou melhor, tentou. “A intervalos regulares durante o dia todo fomos presos por diferentes grupos de soldados” (REED, 2002b, p. 140). Era visível, pelo menos a Reed, que a calmaria da guerra ia ficando para trás, conforme viajavam. Em Lemberg, percebeu que “casas de ruas inteiras haviam sido transformadas em hospitais provisórios” (REED, 2002b, p. 145).

Após horas no quartel-general, foram recebidos por Troubetskoi, ajudante-de-ordens do príncipe. Diante da afirmativa de que os estrangeiros desejavam ir ao *front*, ele suspirou, “mordendo os lábios para conter um sorriso. – Norte-americanos! De que servem os regulamentos [de restrição a repórteres] quando há norte-americanos por perto?” (REED, 2002b, p. 146).

A linha de frente mais próxima tinha sido tomada pelos austríacos e o alvo seguinte era a própria Lemberg. Diante disto, Troubetskoi informou aos correspondentes, segundo Reed (2002b, p. 150), que o melhor a fazer seria ir ao comando de todo o *front* sudoeste russo, em Cholm, a 480 km.

Apesar de todos os obstáculos postos até então, John Reed e Boardman Robinson não conseguiam “esquecer a guerra nem por um instante”. Acreditavam que o general Ivanov era “homem com autoridade para” permitir-lhes “uma vista ao front”. Houve, até mesmo, “uma discussão violenta” entre ambos, “sobre o tipo de batalha que” queriam “ver”: “Robinson ansiava por um ataque de infantaria e eu não abria mão de um assalto de cossacos [soldados de cavalaria russo, recrutados nas estepes da Rússia]” (REED, 2002b, p. 152, p. 157).

A realidade em Cholm, todavia, não daria margem aos planos da dupla. Nem precisaram ir ao quartel-general da cidade. Um oficial russo foi ao hotel, onde estavam alojados, e pediu que o acompanhassem até o Estado-maior. Suspeitos de serem espiões do

principal inimigo russo – a Alemanha – e acusados de violarem segredos militares, foram detidos no hotel e mantidos sob vigília (REED, 2002b, p. 58-60).

Conforme se passavam os dias, ao todo foram oito, fatos novos ocorreram: ordem de rígida guarda aos prisioneiros (escalaram cem sentinelas cossacas); despacho de telegramas as embaixadas em busca de socorro. Provavelmente em resposta a estes, enviaram-nos à capital russa. O caso deveria ir à autoridade máxima do país: o grão-duque Nicolai Nicolaievitch. Assim, a dupla pegou o trem ainda com o sonho em ir ao *front* russo na cabeça, mesmo “detidos pelo menos vinte vezes” no caminho até Petrogrado. (REED, 2002b, p. 174).

Lá permaneceram por três semanas, sempre seguidos “por detetives municipais, agentes secretos militares e membros do temido Quarto Exército – a sinistra polícia mais secreta de todas” (REED, 2002b, p. 187). Até que o grão-duque os liberou para retornarem a capital da Romênia, Bucareste, não antes de confiscarem as anotações de Reed e os desenhos de Robinson.

Passado algum tempo, o autor de *Guerra nos Bálcãs* decifrou o por quê de todo o imbróglio na prisão:

Os oficiais que nos prenderam em Cholm ficaram muito constrangidos quando viram nossos passes. Pouco tempo antes, espões alemães tinham agido de fato naquela região, e eles sofreram por isso. Sentiam que simplesmente tinham de prender espões alemães. Nós fomos os bodes expiatórios [...]. Na verdade, descobrimos depois que estava decidido que nos matariam em Cholm. Entretanto, o embaixador britânico e o norte-americano insistiram para que fôssemos enviados a Petrogrado. (REED, 2002b, p. 175-6)

Reed resolveu, então, mudar de lado: ir a Constantinopla, sob domínio turco, um dos integrantes da Tríplice Entente – ao lado dos austro-húngaros e alemães. Assim, viajou sem a companhia de Robinson – que tinha passaporte britânico. Desnecessário dizer que o jornalista buscava, novamente, ir ao *front* de batalha. Mas, “depois de uma espera de duas semanas”, recebeu a informação de que “nenhum correspondente norte-americano teria permissão para ficar com o exército” (REED, 2002b, p. 213). Ele não mais estava disposto a se arriscar depois da experiência russa, até por que recebeu, nos primeiros dias na Turquia, a seguinte informação do porteiro do hotel em que se alojara: “– A polícia secreta esteve aqui para investigar sobre vossa excelência” (REED, 2002b, p. 223).

No meio tempo em que aguardava respostas sobre o *front*, Reed, sempre acompanhado, se limitou a conversas com habitantes de três cidades: Constantinopla, Pêra e Istambul. Uma delas foi com o príncipe Achmet Efêndi, “sétimo na linha sucessória” do

reino. Ele tinha sido “enclausurado” num palácio “por mais de vinte anos”, pois os sultões da época temiam que familiares os assassinassem para ascenderem ao poder. Desta forma, o jornalista pouco extraiu da entrevista, visto que “o príncipe de sangue imperial” respondia assim aos questionamentos: “Eu não falo com repórteres!” e “É preciso me conhecer há pelo menos dois anos para me fazer perguntas!” (REED, 2002b, p. 241-4).

Diante da impossibilidade de ver o combate em terras turcas, Reed reencontrou Boardman Robinson, na Romênia. Juntos ainda viajaram pela Bulgária, Sérvia e Grécia, antes de voltarem aos Estados Unidos.

É claro que fomos embora no exato momento em que os exércitos da Alemanha e da Áustria invadiram a Sérvia. A Bulgária a atacou por trás e as tropas inglesa e francesa estavam a apenas seis horas de navio [da grega] Salônica. Mas nós abandonamos as nações em guerra aos seus respectivos destinos e seguimos para Nova York, chegando próximo do último dia de outubro [de 1915]. (REED, 2002b, p.14)

2.3 Nascimento de um novo mundo na Rússia

Nos anos que se seguiram à viagem pelo Leste Europeu – 1916 e 17 –, dois acontecimentos marcariam a vida de John Reed: o início do romance com a ativista feminina e escritora norte-americana Louise Bryant e a cobertura da Revolução Russa. O autor declarou o amor pela moça, no relato *Quase trinta*:

Não tenho Deus, e não quero ter; a fé é apenas outra palavra para o encontro consigo mesmo. Na minha vida, como na maioria das vidas, creio eu, o amor tem uma importância enorme. Tive casos amorosos, apaixonante felicidade, terríveis desencontros; magoei profundamente e me senti profundamente magoado. Mas, finalmente, encontrei minha amiga e amante, cúmplice e complacente, tão próxima de mim como nenhuma outra jamais esteve [refere-se Louise Bryant]. E agora não me importa o que vier. (REED, 2001, p. 40)

Entretanto, em setembro de 1917, Reed se importou com a situação na Rússia e foi para lá com Louise. O país já o tinha impressionado em *Guerra dos Bálcãs*: “As idéias russas são as mais estimulantes, o pensamento russo é o mais livre, a arte russa a mais exuberante. A comida e a bebida russas são, em minha opinião, as melhores, e os próprios russos são, talvez, os seres humanos mais interessantes que existem” (REED, 2002b, p. 183).

Mas o casal viajou, essencialmente, porque estava em curso naquela região uma revolta, que mais tarde se consagrou como a primeira revolução socialista do planeta. Para o jornalista Ian Frazier,

com a abdicação do czar no início de 1917, a situação caiu em desordem [na Rússia]. Reed havia desdenhado a Revolução de Fevereiro de 1905 como uma mera mudança política de transferência de poder para a burguesia. Mas, em meados de 1917, a ascensão dos soviéticos trabalhadores e soldados e a emergência do partido Bolchevique, deram entrada a uma revolução do povo, da

espécie mais original e cativante. Se aquilo estava por acontecer, Reed queria ver. (2002, p. 33)

Como custear uma viagem ao outro lado do mundo, se Reed, considerado radical de esquerda à época – pelas críticas feitas a entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra –, não era aceito em nenhum jornal de grande circulação? Ele conseguiu os recursos necessários, conforme Frazier, graças às relações obtidas ao se tornar colaborador numa publicação que fecharia as portas no fim daquele ano – 1917: “Max Eastman, editor da *The Masses*, [...] levantou fundos com um amigo da revista para os gastos da viagem” (2002, p. 34).

O livro *Dez dias que abalaram o mundo* sairia, em 1919, como relato inédito, uma vez que o periódico para o qual “trabalhava” – *The Masses* – já inexistia. Portanto, as anotações e impressões da Rússia não foram reportadas periodicamente aos Estados Unidos, como nas duas coberturas anteriores: no México e no Leste Europeu.

Os fatos presenciados e narrados em *Dez dias...* concentram-se em torno de 7 de novembro de 1917¹⁰, dia em que o partido Bolchevique tomou o poder, em detrimento do governo provisório, apoiado, dentre outros, pelos mencheviques. Reed registrou também os momentos seguintes, nos quais ocorreu a formação do novo governo, até a adesão dos órgãos representativos dos camponeses à revolução. Para contextualizar os fatos anteriores ao 7 de novembro, o autor fez, precedendo o próprio relato no livro, “uma breve exposição, em dois capítulos [de um total de doze]” (REED, 2002a, p. 39). O pano de fundo histórico da Rússia ficaria por conta de outra publicação: *Kornilov to Brest-Litovsk*, de 1919, ainda não traduzida para o português.

Reed instalou-se em Petrogrado, então capital russa. Lá, conversou com populares, líderes da situação e da oposição, leu e “coleccionou” jornais, partidários e internacionais, decretos, ordens e despachos governamentais. Além dos documentos, ele se apoiava em uma vantagem, observada por Franzier, para realização desta cobertura: era “bem aceito tanto pelos bolcheviques quanto pelo governo provisório, que tanto tentavam vencer. Os radicais viram nele um comparsa revolucionário e o governo o respeitava como um repórter da América, um país cuja boa opinião esperava-se ter” (2002, p. 34).

Assim, pôde entrevistar o comandante supremo, no período pré-revolucionário, Alexander Kerênski, com outros dois correspondentes, e um dos líderes bolcheviques, León

¹⁰ Para o calendário juliano, vigente na Rússia, a revolução ocorreu em 25 de outubro. O movimento, por isso, ficou conhecido como “Revolução de Outubro”. As demais referências seguiram o calendário ocidental atual.

Trótski. O repórter contou que este “estava sentado à uma mesa vazia, numa cadeira rústica, no meio da sala. Não precisei fazer muitas perguntas. Ele falou, aceleradamente, durante mais de uma hora” (REED, 2002a, p. 136).

Em 29 de outubro, Reed comentou, ao expor o conteúdo dos jornais, que eles eram um dos exemplos “da confusão reinante naqueles dias febris, quando todos sentiam que algo estava para acontecer, mas ninguém sabia exatamente o quê” (2002a, p. 120). Faltavam ainda oito dias para eclodir a revolução e o autor observou que “os cassinos funcionavam do começo da noite ao amanhecer, embalados por muito champanhe [...]. À noite, no centro da cidade, prostitutas ostentando jóias e peles caras percorriam as ruas, lotando os cafés...” (REED, 2002a, p. 125). Isto é, tudo seguia tranqüilamente.

O jornalista circulava de um lado a outro da cidade e via crescer a insatisfação dos bolcheviques nas reuniões do Soviete de Petrogrado. Este estava localizado a quilômetros dos limites da capital, no extinto covento-escola czar denominado Instituto Smolni. Reed ia diariamente lá, mas, na noite de 7 de novembro, percebeu algo diferente: toda a frente do prédio “havia se transformado um imenso estacionamento, com automóveis chegando e partindo, tendo ao fundo o compasso distante marcado pelo som dos canhões” (2002a, 192). Logo procurou carona num caminhão carregado de panfletos e foi avisado que haveria tiroteio no caminho para o centro da cidade. Topou.

Conforme o “grande veículo” sacolejava a toda velocidade, o material era atirado ao ar. Depois de algum tempo, ocupado em lançar os panfletos, o jornalista pôde ler o que aquilo representava. Era um comunicado aos “Cidadãos da Rússia”, do Soviete de Petrogrado. O teor do texto estava resumido na primeira frase: “O Governo Provisório foi deposto” (REED, 2002a, p. 193). Nas proximidades do Palácio de Inverno, sede do executivo, Reed desceu do caminhão e se juntou, “nas primeiras fileiras”, a “uma massa escura que se movia adiante”, sob o “estalar das armas”. Ele descreveu, assim, o grande ato revolucionário simbólico daqueles dias – a tomada do Palácio – após o anúncio de um soldado de que haveria tiroteio:

Depois de alguns minutos amontoados atrás da coluna [de Alexandre], as várias centenas de homens que compunham a tropa pareciam ter recobrado a confiança e, sem esperar qualquer ordem, começaram a avançar [...]. Escalamos a barricada de madeira e, já do outro lado, demos um grito de triunfo ao deparar com montes de fuzis abandonados pelos *junkers* [leais à Kerênski] que haviam estado lá. Nos dois lados da entrada principal, a luz saía pelas portas escancaradas, e de dentro do grande edifício não vinha um ruído sequer. (REED, 2002a, p. 198)

Não obstante, Reed, e outras cinco pessoas que o acompanhavam, queria entrar no prédio. Diante da desconfiança dos guardas, aproveitou uma confusão momentânea, provocada pela pilhagem de alguns revolucionários a objetos do Palácio, e conseguiu. Assim, subiu escadas e adentrou aposentos, até que um grupo de “mais de uma centena” de soldados e guardas “começou a fechar o cerco, como gado selvagem cercando um vaqueiro indefeso sem seu cavalo”. O repórter tentou explicar e entregou-lhes os documentos assinados no Smolni. Não adiantou. “O soldado os pegou cautelosamente e virou-os de ponta cabeça, tentando compreender o que representavam. Era evidente que ele não sabia ler. Devolveu-nos os passes e cuspiu no chão. ‘*Bumagi!* Papéis’, disse com desprezo”. A situação começou a se acalmar com a chegada de um oficial. Depois de forte oposição, ele conseguiu conter os mais ameaçadores. “– Vocês escaparam por pouco! – repetiu várias vezes, enxugando o suor do rosto” (REED, 2002a, p. 205).

Com a expulsão do Palácio de Inverno, o autor se dirigiu, às três da madrugada, ao edifício da Duma Municipal, quartel-general da resistência. Lá, numa reunião entre dezenas de pessoas, testemunhou outro acontecimento marcante: “Diante de nossos olhos foi formado [... o] Comitê para a Salvação – que se transformaria no mais poderoso inimigo dos bolcheviques” (REED, 2002a, p. 205).

Provavelmente, se Reed não tivesse presenciado estes fatos, aceitaria as histórias publicadas em determinados jornais, no dia seguinte: massacre contra os *junkers*, estupros às mulheres-soldados no ataque ao Palácio de Inverno.

Os ânimos se acirravam no Smolni e o repórter viu Vladimir Lênin, líder supremo dos bolcheviques, ler a proclamação de paz do novo governo aos países envolvidos na Primeira Guerra Mundial. O autor de *Dez dias...* fez referência a presença de Lênin na tribuna:

sua boca, parecendo sorrir, escancarava-se quando ele falava; sua voz era rouca – não de modo desagradável, mas como se estivesse mais dura depois de anos e anos de discursos – e seguia monotonamente, com a capacidade de continuar para sempre... Para dar ênfase, ele se inclinava ligeiramente para frente. Nada de gestos. E diante dele mil rostos simples olhavam para cima em intensa adoração. (REED, 2002a, p. 231)

Depois disso, vários líderes se pronunciaram. Uns entusiasmados, outros indignados e irônicos. Houve vaias e aplausos. “Era tal o dilúvio de pensamentos acalorados e elevados que certamente a Rússia nunca mais se calaria”, pensou Reed (2002a, p. 242), no meio da reunião. Com a votação favorável ao decreto anunciado por Lênin, “subitamente, num impulso comum, estávamos todos de pé, murmurando juntos num uníssono suave e

crescente a *Internationale*. Um velho soldado grisalho soluçava como uma criança” (REED, 2002a, p. 236).

Na rua, a disputa entre os lados opostos era a mesma: “um punhado de trabalhadores e soldados comuns, de armas nas mãos, representando uma insurreição vitoriosa – e perfeitamente miseráveis”; contra “uma multidão frenética formada por tipo de gente que ocupa as calçadas da Quinta Avenida ao meio-dia, zombando, insultando, gritando: ‘Traidores!’”. A cena fez com que o autor refletisse em *Dez dias que abalaram o mundo*: “Imagino que nada parecido ocorrera na história” (REED, 2002a, p. 261). A discrepância era tamanha que se começou a barrar a entrada, no Smolni, de repórteres de jornais burgueses e de partidos socialistas contra-revolucionários. Para Reed, o passe livre foi mantido.

Rumores davam conta de que as forças armadas de Alexander Kerênski caminhavam rumo a Petrogrado. O jornalista não esperaria para ver. Foi, então, à cidade vizinha de Tsarkoye Selo. Por lá, as conversas indicavam que no dia seguinte, 11 de novembro, o comandante deposto do governo provisório atacaria o local – o que de fato ocorreu. De volta a Petrogrado, Reed apenas citou as batalhas transcorridas na capital, enquanto esteve fora: “O Hotel Militar e a Agência Telegráfica haviam sido ocupados por forças de *junkers* e recuperados em seguida, depois de luta sangrenta” (REED, 2002a, p. 310).

Com a vitória pró-bolchevique sobre as tropas de Kerênski, o repórter foi ao *front*, de carona numa ambulância. Almoçou com guardas vermelhos do 6.º Batalhão de Engenharia e seguiu viagem com os mesmos, novamente, rumo a Tsarkoye. Contudo, no caminho, dois soldados “pularam” na frente do veículo, “apontando os fuzis”. Para prosseguir, era necessária a apresentação das permissões. Reed sabia que todos os passes eram iguais, exceto o dele, “que fora expedido pelo Estado-Maior Revolucionário do Smolni”. Teve, então, que acompanhar as sentinelas. Houve objeção, mas o repórter preferiu descer do caminhão, “para não causar mais problemas”.

Ao desaparecer na estrada, todos ainda me acenavam um adeus. Os soldados trocaram idéias baixinho e em seguida colocaram-me contra um muro. Logo percebi o que iria acontecer: eles vão me matar! Olhei para os lados. Não se via viva alma em nenhuma direção. O único sinal de vida era a fumaça proveniente de uma *dacha*, um casebre de madeira, a cerca de um quilômetro e meio adiante. Os soldados já se afastavam da estrada para tomar distância. Desesperado, corri até eles. (REED, 2002a, p. 360-1)

Reed ainda conseguiu convencê-los a se deslocarem até àquela casa, uma vez que assumiram serem analfabetos. Queriam matá-lo simplesmente porque o documento era diferenciado em relação ao da maioria. Lá, a mulher, “hesitante”, leu o papel em voz alta: “O

portador deste passe, John Reed, é representante da social-democracia norte-americana, um internacionalista...”. À noite, depois de andarem até Tsarkoye Selo, os soldados, ainda desconfiados, entregaram o jornalista ao presidente do Comitê do Quartel de Fuzileiros da cidade. Ele deu as boas-vindas e “o clima apreensivo deu lugar à euforia geral. Todos queriam apertar minha mão” (REED, 2002a, p. 361-2).

A revolução tinha se estabelecido na capital russa, Petrogrado. Porém, as notícias que corriam “de boca a boca”, vindas da “branca e reluzente mãe Moscou”, como conhecida, não eram das melhores: bombardeios ao Kremlin e milhares de mortos. O pavor tomou grandes proporções quando o comissário (ministro) da Educação, A. V. Lunacharski, renunciou ao cargo por não suportar “essa destruição absurda da beleza e da tradição” (*apud* REED, 2002a, p. 371).

Tais informações levaram Reed de trem à Moscou. Segundo ele, lá se teria “a noção precisa do verdadeiro sentimento do povo russo para com a revolução” (REED, 2002a, p. 373). Ao chegar, percebeu que as construções históricas não tinham sinal de destruição. O que havia, na praça Vermelha, próxima ao Kremlin e a catedral de São Basílio, eram “sons de vozes, pás e picaretas”. Escavavam-se, “à luz de fogueira”, “duas grandes covas de aproximadamente 5 metros de profundidade e 40 metros de largura” (REED, 2002a, p. 381).

Para o funeral, não haveria sacerdotes, uma vez que a Santa Igreja Ortodoxa se colocou contra os revolucionários. Mas outras homenagens estavam por vir. Reed observou que “do alto do Kremlin, pendiam flâmulas gigantescas que alcançavam o chão, com frases escritas em grandes letras douradas: ‘Mártires do Princípio da Revolução Social Universal’ [...]” (REED, 2002a, p. 384-5); e descreveu que

o cortejo durou o dia inteiro [...], num rio caudaloso de bandeiras vermelhas, com palavras de esperança e profecias extraordinárias, contra um pano de fundo de 50 mil pessoas [...]. Um por um, os quinhentos caixões foram depositados nas covas. A noite se aproximava, e as bandeiras ainda tremulavam, a banda ainda tocava a marcha fúnebre e a enorme multidão seguia cantando. Os ramos nus das árvores foram decorados com as coroas de flores, formando um estranho quadro de centenas de brotos multicolores. (REED, 2002a, p. 387).

A revolução estava “consolidada” por toda a Rússia. Aliás, faltavam apenas a constituição da tão esperada Assembléia Constituinte e a adesão do Soviete de Camponeses ao novo governo. O autor narrou ambos os encontros de forma didática, com a bagagem de quem os presenciou. Ele acreditava que, ali, a tomada do poder, por parte do bolcheviques, chegava ao fim. Para o jornalista Ian Frazier, este desfecho prematuro é facilmente explicável. “[Reed] não desperdiçou muitas páginas no que aconteceu antes da revolução, e nenhuma

do que aconteceu depois; o foco somente nos dias da real revolução é a genialidade da estrutura do livro” (2002, p. 35).

3 TÉCNICAS NARRATIVAS DE JOHN REED

Pode-se perceber, com a leitura do capítulo anterior, a importância da cobertura “ao vivo” de John Reed. O testemunho tem seu valor, claro. Somente ele, porém, não basta. Um repórter, além de presenciar um acontecimento, precisa transferi-lo ao papel – seja de jornal ou de livro. Este, talvez, seja outro diferencial do jornalista norte-americano. Nas últimas páginas, uma noção pôde ser tirada, mas, afinal, quais as características da narrativa de Reed?

Para começar a responder esta pergunta, o teórico espanhol Albert Chillón destacou que as obras do autor

são relatos escritos mediante recursos romanescos: Reed [1] não se limita a identificar personagens, mas em caracterizá-los; [2] não simplesmente registra declarações, mas diálogos inteiros; [3] põe a ênfase não meramente nos fatos em si, nos sucessos noticiáveis, senão nas situações e nos ambientes, que trata de captar atendendo as anedotas e os detalhes que conformam o *clima* humano, a *qualidade* dos acontecimentos [...]. (1999, p. 156)

Chillón apontou itens que aproximam o jornalista tanto dos princípios do romance realista do século XIX, quanto das técnicas do *New Journalism*. Reed utilizou práticas narrativas do romance, simultaneamente, a uma apresentação verídica dos fatos. Em suma, pode-se percebê-lo como um jornalista literário. Ele, contudo, nunca fez referência a algo neste sentido.

Para compreender o ponto I levantado por Chillón – identificação de personagens –, torna-se necessário voltar aos livros do repórter. Em *México rebelde*, após corrida de aproximadamente 53 km para fugir dos temidos *colorados*, Reed reencontrou o restante da tropa na fazenda Santo Domingo. Ao observar a chegada contínua e lenta dos sobreviventes, se ateu à Isabel.

Não havia nada de interessante nela. Creio que notei sua presença principalmente porque era uma das poucas mulheres naquela desventurada companhia. Era uma índia de pele muito escura, com cerca de vinte e seis anos, o corpo atarracado de sua raça explorada; feições agradáveis; o cabelo caindo sobre os ombros, em duas longas tranças, e grandes dentes que brilhavam ao sorrir. (REED, 1968, p. 98-9)

Com a proximidade da moça, pôde ver a “longa, lisa e negra cabeleira”, as “manchas de sangue seco sobre o peito” e que Isabel “usava uma espécie de blusa azul-pálido, desbotada, de tecido comum” (REED, 1968, p. 99). Reed também descrevia pessoas com a qual conversava rapidamente, como o responsável pelo jornal *Obshchee Dielo* (A Causa Comum), Burtzev, na Rússia revolucionária: “Era um tipo baixo, arcado, com o rosto enrugado, olhos míopes escondidos por trás de grossas lentes, cabelo desgrenhado e barba grisalha” (REED, 2002a, p. 107); ou personagens que nem chegava a manter diálogo, por exemplo, o príncipe turco Achmet Efêndi:

Era um homem pequeno e inchado de rosto pálido e mosqueado sob o fez. Um bigode rijo e miúdo se destacava sob o lábio superior. Usava um terno cinza cortado como fraque, de gola alta e rija, gravata larga de seda cinza presa com broche de ferradura de vidro azul, e seus pés gordos estavam apertados em botas de verniz com cano de tecido violeta, atadas com fitas de seda amarela. Sua boca tinha espasmos nervosos [...]. (REED, 2002b, p. 243)

Se, de um lado, o repórter expunha cidadãos individualmente, de outro, apresentava povos que via pelo caminho. Chegou, inclusive, a diferenciá-los. Em *Guerra dos Bálcãs*, percebeu que os camponeses da fronteira romena-russa andavam “todos de linho branco, com chapéus de aba larga e copa baixa, e longos cabelos cacheados caídos sobre os ombros” e que os poloneses, embora “ainda usassem linho branco, cobriam a cabeça de forma diferente. Alguns usavam chapéus altos e redondos de pele preta, outros tinham chapéus altos com um guizo na ponta, como as mulheres galesas costumam usar” (REED, 2002b, p. 116, p. 126).

Das quatro técnicas exigidas pelo jornalista Tom Wolfe, em meados do século XX, para que um texto pudesse ser caracterizado *New Journalism*, ao menos uma delas – riqueza de detalhes pessoais –, é observada na obra de John Reed. Há de se destacar também os personagens anônimos que elevou à primeiro plano, assim como fazia o escritor realista francês Honoré de Balzac. A palavra, em *Dez dias que abalaram o mundo*, por exemplo, era dada aos populares, como o porteiro do Conselho da República russo, horas antes de estourar a revolução: “Não sei o que vai ser de nossa pobre Rússia. Todos esses mencheviques, bolcheviques, trudoviques... Essa Ucrânia, essa Finlândia, esses imperialistas alemães, ingleses. Tenho 45 anos e nunca, em toda a minha vida, ouvi tanta conversa fiada como ouço aqui...” (REED, 2002a, p. 145).

Ao se transcrever as aspas deste senhor “sem nome”, pode-se visualizar o tópico 2 abordado por Albert Chillón – diálogos inteiros – acerca da obra de Reed. É costume no jornalismo convencional a utilização de declarações de personagens sem a devida pergunta que a originou, ou mesmo sem o ambiente no qual se deu a conversa. Segundo Tom Wolfe, estudos acadêmicos comprovaram que “o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso” (2004, p. 54).

Detidos pelas autoridades russas em plena Primeira Guerra, num hotel, John Reed e o ilustrador Boardman Robinson viram, pela janela, o desprezo com que era tratado o povo

judaico. Notaram ainda “que a cada dois ou três dias todos os judeus, jovens e velhos, usavam sobre o peito um pequeno medalhão de papel”. A dupla ficou intrigada com aquilo.

Uma manhã o *hashein* [judeu dono do hotel] veio até o nosso quarto com um desses: era uma gravura barata da filha do czar, a grã-duquesa Tatiana.

– O que é isso? – perguntei a ele, apontando para o medalhão.

Ele encolheu os ombros com um jeito rancoroso. – É aniversário da grã-duquesa – disse ele.

– Mas eu já vi as pessoas usando isso duas vezes nesta semana.

– A cada dois ou três dias – respondeu ele – é aniversário da grã-duquesa. Pelo menos é o que os cossacos dizem. Os cossacos fazem todos os judeus comprarem um retrato da grã-duquesa e usá-lo no aniversário dela. Custa cinco rublos. Somos apenas pobres judeus, ignorantes demais para saber qual é o aniversário da grã-duquesa. Mas os cossacos são russos, e eles sabem. (REED, 2002b, p. 169)

Em *Radical Chique...*, com o subtítulo *O Novo Jornalismo é realmente novo?*, Tom Wolfe disse que Reed apresentou características próprias do gênero. Para ele, de toda a obra do autor, “partes” do livro *Dez dias...*, “pelo menos”, “principalmente a cena em que os proletários desafiam a autoridade do oficial da Marinha”, podem ser classificadas de *New Journalism* (WOLFE, 2004, p. 74-5). O episódio em questão deve ser a discussão entre “uma centena de comerciantes, funcionários de governo e estudantes” e “dois soldados armados de fuzis com baionetas caladas”. Acompanhe o seguinte fragmento, presenciado por Reed:

– Vocês compreendem, eu presumo – disse em tom desdenhoso – que pegando em armas contra seus irmãos estão se transformando em instrumentos dos assassinos e traidores!

– Escute, irmão – disse o soldado, em tom sincero. – Você não entende. Existem duas classes, o proletariado e a burguesia. Nós...

– Ah, eu conheço essa conversa fiada! – interrompeu o estudante, bruscamente. – Um bando de campônios ignorantes como você ouve alguém dizer umas palavras bonitas e pronto. Nem sabem o que significam. Só sabem repeti-las feito papagaios – a multidão riu. – Sou estudante marxista e afirmo que não é pelo socialismo que vocês estão lutando. Que isso é pura anarquia pró-gêrmanica!

– Ah, sim, eu sei – respondeu o soldado, com o suor pingando de sua testa. – É fácil perceber que o senhor é um homem instruído e eu sou um homem simples. Mas parece que... (REED, 2002a, p. 300-1)

Diálogos assim compõem toda a obra do autor. No entanto, Wolfe acreditava que os “melhores trabalhos” são os narrados “em terceira pessoa”, como o colocado acima. Ocorreu que Reed, além deste formato, usava principalmente diálogos no qual ele mesmo era uma das partes, como a conversa sobre os medalhões judeus. Ou seja, não em terceira, mas em primeira pessoa.

Como se viu, a maioria dos diálogos era com gente anônima. Reed, porém, mantinha contato freqüente com personalidades de renome, como o líder mexicano Pancho Villa. Numa ocasião, o jornalista ao conversar com ele, quando ainda ocupava o cargo de interventor do estado de Chihuahua, perguntou se as “mulheres votariam na nova república”.

[Villa] estava estendido na cama, com o casaco desabotoado.

– Como! Acho que não! – respondeu alarmado, levantando-se rapidamente. – Que quer dizer com votar? Significa eleger um governo e fazer leis?

Respondi-lhe que sim e que as mulheres já o faziam nos Estados Unidos.

– Certo – disse coçando a cabeça. – Se o fazem lá, não vejo por que não devem fazê-lo aqui.

A idéia pareceu diverti-lo enormemente. Virava-a revirava-a em sua mente, olhava-me e se afastava novamente.

– Pode ser que seja como o senhor disse – e acrescentou: – mas nunca pensei nisto [...]. (REED, 1968, p. 126)

Assim como a descrição de personagens, os ambientes ganharam destaque na obra de Reed. Ele, conforme Chillón, não deu “ênfase meramente” aos fatos em si, senão também aos locais onde aconteceram (1999, p. 156). O Smolni, palco das discussões que ascenderam os bolcheviques ao poder, era, “no antigo regime”, “um convento-escola para as filhas da nobreza russa” e , posteriormente, foi “tomado por organizações de trabalhadores e soldados”. Nas palavras do repórter norte-americano, o edifício de “cúpulas azuladas”, “delineadas em ouro”,

tinha mais de duzentos salões, brancos e vazios, em cujas portas ainda havia placas esmaltadas informando aos visitantes que ali ficava a “Sala de Aula Número 4”, a “Sala dos Professores”. Por cima delas, havia, agora, placas malfeitas que denotavam claramente a vitalidade do novo regime: “Comitê Central do Soviete de Petgrado”, “Tsik” [...]. (REED, 2002a, p. 115)

O bazar de especiarias medicinais de Youssof Efêndi, na turca Istambul, teve uma descrição mais minuciosa do que a do Smolni.

Acima da tenda, na parede, havia uma moldura intrincada de madeira esculpida, coberta de teias de aranha, e sob aquela luz crepuscular expunha-se todo tipo de objeto estranho – conchas de mendigas dervixes, feitas com pelo frágil de animais marinhos, ovos de avestruz, cascos de tartaruga, dois crânios humanos e algo que era evidentemente o maxilar inferior de um cavalo. No balcão e nas prateleiras de trás havia garrafas de vidro amontoadas e potes de barro cheios de âmbar cru, pedaços de cânfora, haxixe em pó e em pedaços [...], montes de ervas secas para curar a peste, pó negro para poções mágicas de amor, cristais de óleo para afrodisíacos, encanto para tirar mau-olhado e para confundir o inimigo, essência de rosas, pedaços e óleo de sândalo. (REED, 2002b, p. 232-3)

No México, John Reed preferiu elucidar a temperatura desértica, em vez de locais específicos. Lá, o “sol branco, tórrido,” resplandecia “como se fosse a porta de um forno, enquanto nos longínquos e extensos campos desertos fumegava uma delgada névoa” (REED, 1968, p. 164). Diversas expressões foram utilizadas com este propósito: “Os pássaros não mais cantavam, por causa do calor que era sufocante” (p. 230); “cinco e meia da manhã e já fazia muito calor” (p. 217); “frio atroz” (p. 194); “o sol queimava tudo: as extensas cordilheiras reverberavam com o calor do árido terreno” (p. 87). Num trecho, contudo, resumiu o clima do país:

O vento aumentou incessantemente com a obscuridade, tornando-se cada vez mais frio [...]. De súbito, inesperadamente, o céu se esvaziou e, deslumbrante, abriu-se de horizonte a horizonte; os trovões retumbavam terríveis, a chuva se generalizou caindo tão espessa como uma inundação [...]. Rompeu a aurora [...]. Um sol cáldo assomou pelas montanhas de oeste, brilhando num céu claro. A terra lançou por instantes um vapor ondulante; depois outra vez o pó e uma superfície sedenta. Ali parecia que jamais choverá. (REED, 1968, p. 183)

A descrição de ambientes foi um dos aspectos tratados pelo teórico Albert Chillón, no item 3. Ao fazê-la, Reed aproveitou “as anedotas e os detalhes que conformam o *clima* humano, a *qualidade* dos acontecimentos” (CHILLÓN, 1999, p. 156). O autor norte-americano comprovou o ódio feroz dos revolucionários mexicanos aos seguidores do regime autoritário imposto há 36 anos. Teve a atenção, também, de ver que, apesar disso, eles continuavam despercebidamente reverenciando o próprio algoz: “Na praça de quase toda cidadezinha erguem-se ainda estatuas laudatórias de Porfirio Díaz; ainda nas mesas dos oficiais, no campo de batalha, bebi em copos estampados com a efígie do ditador, e são inúmeros os uniformes do exército federal nas alas revolucionárias” (REED, 1968, p. 153). Semelhante atmosfera Reed percebeu no dia-a-dia da capital russa, Petrogrado. Lá, apesar de deposto a cerca de sete meses, marcas do czarismo permaneciam: “Praticamente todos, começando pelos pequenos estudantes, ostentavam os uniformes regularmente, com as insígnias imperiais nos botões e nas dragonas” (REED, 2002a, p. 90). Ele esteve atento também quando adentrou a sala de reuniões dos ministros do governo provisório, no Palácio de Inverno. Na oportunidade, os revolucionários tinham tomado o prédio faziam minutos.

Diante de cada assento [de uma longa mesa] havia uma caneta, tinta e papel; os papéis estavam rabiscados com o início de planos de ação, rascunhos de proclamações e manifestos. A maioria deles tinha sido riscada, pois sua inutilidade tornara-se evidente. E o resto da folha estava coberta com desenhos geométricos rabiscados distraidamente enquanto ouviam os ministros repetirem os mesmo estratégias quiméricos. Peguei um dos papéis rabiscados, com a letra de Konovalov, que dizia: “O Governo Provisório pede que todas as classes apoiem o Governo Provisório...”. (REED, 2002a, p. 201-2)

Os três exemplos servem para ressaltar que Reed não se valia de detalhes para retratar frivolidades. Pelo contrário, esta técnica permitia-lhe expor situações inusitadas e revelar incoerências. O que dizer da aflição e da desesperança dos ministros russos, ao escrevirem polígonos, em meio a reuniões de soberania nacional? O repórter mostrou tal evidência da maneira mais sutil possível: por meio do detalhe.

Se o pormenor explicava parte de um acontecimento, o mesmo pode-se afirmar da anedota apresentada pelo autor. Ela foi encontrada constantemente de folha em folha, página a página, nos livros que compõem sua obra. Em *Guerra dos Bálcãs*, Reed anotou que na

Turquia “não há tradições familiares porque não há sobrenomes”. Naquele país, por exemplo, o amigo dele, Daoud, era conhecido como o filho de Hamid. “Assim como eu era conhecido, para a polícia turca, como John, filho de Charles” (REED, 2002b, p. 225).

Antes de presenciar mais uma sessão do Soviete de Petrogrado, Reed apontou que operários e soldados se exprimiam, “amontoados”, “na grande sala de reuniões” e que “sentia-se um calor sufocante, gerado por aquela massa de corpos suados”. Para piorar,

uma nuvem fétida de fumaça de cigarro era exalada por aquela massa humana e pairava, pesada, no ar. De vez em quando, alguém subia na tribuna e pedia aos camaradas que não fumassem; aí todos – fumantes ou não-fumantes – repetiam o grito: “Não fumem, camaradas!”. E todos continuavam fumando. (REED, 2002a, p. 182)

O autor de *México rebelde* viajava, numa locomotiva, rumo ao *front* de batalha. A preocupação, na ocasião, não era com o cheiro do amontoado de gente, como na Rússia, mas com bichos que cacarejam. Ele estranhou o barulho e “assim que o trem pôs-se em movimento”, foram abertos sacos,

desempacotando dois grandes galos, que andavam pouco depois pelos corredores, comendo migalhas e pontas de cigarro. Os donos levantaram a voz:

– Briga de galos, senhores! Cinco pesos neste belo e valente galo; cinco pesos, senhores!

Os homens se levantaram dos lugares e correram ruidosamente para o centro do carro. Parecia que a ninguém faltavam os cinco pesos necessários. Em dez minutos [...] o corredor encheu-se de um redemoinho de penas que voavam, e do brilho dos acerados esporões. (REED, 1968, p. 148)

Anedotas como estas reforçaram as peculiaridades de cada povo e, desta forma, construíram o imaginário do leitor de Reed. O costume, de gosto por briga de galo, por exemplo, foi fator preponderante nisto. O “*costumbrismo*” de Albert Chillón – que acentuava “comentários pessoais”, “condutas,” “modas” (1999, p. 127) – pode ser reconhecido no jornalista norte-americano, dentre outras maneiras, pela utilização de expressões lingüísticas próprias de cada país. Populares russos, mexicanos, sérvios apareciam, respectivamente, com os característicos: “*povtim!*”, “*pajal’st!*”, “*amerikanska*” (REED, 2002b, p.109); “*tortilla*”, “*mezquite*”, “*pelón*”, “*colorados*” (REED, 1968, p. 187-8); “*comtadjis*”, “*dobra!*”, “*orchidae*” (REED, 2002b, p. 45-7)¹¹.

Contudo, pode-se verificar que a escrita reedniana – repleta de descrições, anedotas, detalhes, diálogos – situa-se no limite entre literatura e jornalismo. Para Chillón, apesar da “incorporação de procedimentos romanescos de composição e estilo”, principalmente em *México rebelde* e *Dez dias...*, Reed subordinava-se “as exigências informativas da

¹¹ Tradução: “por favor!”, “bem-vindos!”, “americano”; “torta de milho”, “arbusto do deserto”, “cabeça raspada” (gíria para soldado federal); “camponeses”, “bom!”, “orquidea”.

reportagem”. O repórter norte-americano, por este entendimento, escreveu literatura com características próprias do jornalismo: “Informação fruto de indagação e de investigação” (1999, p. 156).

3.1 Objetividade subjetiva

O jornalista Zuenir Ventura, na apresentação de *Dez dias que abalaram o mundo*, também destacou as “inovações [de John Reed] na maneira de ver e contar” histórias: “A preocupação comparativa, a subjetividade e o impressionismo de algumas observações, o relato confessional em primeira pessoa do singular, os procedimentos modernos de narrativa, como o *making-of*, tudo é incorporado ao seu relato”. Não obstante, Ventura avaliou que o fato de Reed não ser “observador neutro” e, sim, “jornalista militante”, “pode prejudicar a História, mas não a ‘sua’ história” (2002, p. 9-11).

A advertência do jornalista brasileiro levanta a discussão sobre a objetividade, iniciada com a criação do telégrafo e com o fim da guerra civil norte-americana. À época, o objetivo da doutrina, segundo o historiador Edwin Emery, era omitir opinião, no texto jornalístico, e dar prioridade ao relato “mais conciso”, para conter gastos com o telégrafo e garantir o envio das informações (1962, p. 310). Para o teórico português Mário Mesquita, o discurso de que a objetividade reflete a realidade causa, no mínimo, “dúvida”. Ele, no artigo *Teorias e práticas do jornalismo*, dá a entender que há certa subjetividade na própria objetividade: “Os tais ‘fatos reais’ são reconfigurados através da linguagem, contextualizados e interpretados pelo jornalista que os apreende. O ‘agir jornalístico’ pressupõe a procura, a seleção, a investigação e a interpretação dos acontecimentos de um suposto ‘mundo real’” (2005, p. 12-3).

Assim, Mesquita considerou que o debate apropriado deve girar em torno da objetividade como “esforço de ‘distanciamento’”:

Nesta perspectiva, a “objetividade” reconverter-se-ia num conceito próximo das noções de “imparcialidade” e de “equidade”, de tal modo que o jornalista seria chamado a convocar o melhor de seu saber, da sua cultura e da sua formação para ensaiar a aproximação do “real”. Não estaria em causa [...] negar a subjetividade do jornalista, mas antes [...] admitir a implicação pessoal do jornalista, guiado por uma intenção de objetividade na reconstrução e explicação dos acontecimentos. (2005, p. 13)

Reed certamente evocou o melhor de si nas coberturas. Acerca da campanha mexicana, por exemplo, disse que escreveu “melhor do que nunca” (REED, 2001, p. 40). Mas não o fez de forma distanciada, como sugeriu Mário Mesquita. Pelo contrário, particularizou

a reportagem, deu a própria compreensão dos fatos ao leitor. O repórter foi além: por vezes, transformou-se em protagonista, como no episódio sobre roubos generalizados no *front* do México. Após ter o cavalo “Bucéfalo” furtado, Reed apoderou-se de uma mula. Com a tomada da cidade Gómez Palacio, o líder dos guerrilheiros, Pancho Villa, “ditou uma ordem concludente estabelecendo com clareza que tudo que um soldado tomasse era seu”. Foi uma medida compensatória por tanto esforço e miséria. O autor contou que

todos estavam com febre de saquear. De maneira que eu também roubei o que necessitava. Havia uma grande mula cinzenta pastando no prado contíguo, com uma reata no pescoço. *Pus-lhe minha sela* e encaminhei-me para frente. Era um animal nobre, que valia pelo menos quatro vezes mais do que “Bucéfalo”, o que percebi imediatamente. (REED, 1968, p. 253, grifo meu)

Conforme ia cavalgando acima do bicho, Reed ouvia diversos revolucionários contestarem que a “grande mula” lhe pertencia. A narração, carregada de diálogos, permitiu registros assim:

- Ouça, companheiro onde arranjou esta mula? [perguntou um].
- Encontrei-a no campo – respondi imprudentemente.
- Justamente o que eu pensei – exclamou. – Essa mula é minha! Desça e devolva-a já!
- E esta sela é sua? – perguntei-lhe.
- Pela Mãe de Deus, Nosso Senhor, é sim!

Continuei a caminhar e deixei-o gritando no meio do campo. (REED, 1968, p. 253)

Foram diversos os madeiristas que pararam Reed: “A cada momento surgia um dono da mula que me perguntava como me atrevia eu a montar sua querida ‘Panchita’, ‘Petrita’ ou ‘Tomasita!’” (REED, 1968, p. 254). O protagonismo do repórter também se dava sutilmente. Presos na polonesa Cholm, por oito dias, durante a Primeira Guerra Mundial, Reed revelou um dos passatempos dele e de Boardman Robinson: “Às vezes, nas noites sem vento, quando o cossaco que ficava no quintal se cansava de vigiar e saía escondido para beber, saíamos pela janela para o telhado pontiagudo e inclinado e observávamos os telhados de zinco abaixo e as ruas superlotas da cidade” (2002b, p. 168).

A teórica Gaye Tuchman lembrou que o jornalismo, para obter êxito no esforço de distanciamento objetivo, adotou um “conjunto de ‘normas’”. Dentre elas, destacam-se “quatro processos fundamentais”:

- [1] o confronto de pontos de vista divergentes; [2] a apresentação de “provas”, corroborando o que é sustentado; [3] o recurso das “citações” das partes em conflitos ou das fontes; [4] a estrutura externa do texto jornalístico, baseada na estrutura do “lead” e da regra da importância decrescente dos elementos, usualmente designada por “pirâmide invertida”. (TUCHMAN *apud* MESQUITA, 2005, p. 14)

Em *Dez dias que abalaram o mundo*, Reed apresentou idéias antagônicas, ao se valer de discursos do governo provisório e dos bolcheviques. Entrevistou, por exemplo, os

adversários Alexander Kerênski e León Trotski. Ocorreu que o autor expôs a dualidade de pensamento, mas, conforme o tempo passava, se convenceu de que o movimento liderado por Vladimir Lênin tinha méritos. Uma demonstração evidente tanto de “pontos de vista divergentes” quanto de “apresentação de provas” e uso de “citações” foi a conversa que Reed teve com integrantes do Comitê para a Salvação.

Guiado por um “amigo”, chegou ao esconderijo de um dos partidos que pretendia derrubar os bolcheviques do poder, os socialistas revolucionários. Lá, “um homem vestindo uniforme surgiu de trás da cortina da janela, e outro, com roupas de operário, saiu de um armário”. O repórter salientou que eles “não revelaram seus nomes” e que disseram, “com certa satisfação”, que havia risco de fuzilamento caso descobertos.

– Por que publicam mentiras em seus jornais? – perguntei.

Sem demonstrar ter sido ofendido, o oficial respondeu:

– Sim, eu sei, mas o que podemos fazer? – e encolheu os ombros. – O senhor deve entender que precisamos criar uma certa disposição no espírito do povo. [...]

– Muito bem – disse eu. – Mas por que unir-se aos cadetes [partido dos liberais das classes proprietárias]?

O pseudo-operário abriu um sorriso sincero.

– Para falar a verdade, neste momento todo o povo está com os bolcheviques. Não temos ninguém do nosso lado. [...] Os bolcheviques têm razão; até certo ponto, hoje, na Rússia, só existem dois grupos com alguma força – os bolcheviques e os reacionários, que se escondem atrás dos cadetes. Quando tivermos liquidado os bolcheviques, nos voltaremos contra os cadetes. [...]

– Nosso programa? – disse o oficial. – Aqui está: a terra voltará aos comitês agrários; os operários terão plena representação no controle da indústria. [...] Os bolcheviques não conseguirão cumprir as promessas que fizeram às massas, nem mesmo aos camponeses. Não permitiremos. [...]

– Se os bolcheviques quiserem estabelecer um estado socialista, não poderemos cooperar com eles em hipótese alguma! [interrompeu o outro...]

– E agora o que pretendem fazer? – perguntei.

Os dois homens olharam-se.

– Dentro de alguns dias, o senhor verá. Se conseguirmos o apoio de tropas suficientes, não faremos concessões aos bolcheviques. Caso contrário, talvez sejamos forçados a um acordo... (REED, 2002a, p. 330-3)

Além de informações conseguidas graças à investigação jornalística, John Reed abria espaço para as próprias impressões: “Os bolcheviques se lançavam para a frente, irrefreáveis, superando a hesitação e a oposição – o único grupo da Rússia que tinha um programa definido de ação, enquanto os outros, durante oito longos meses, só fizeram falar” (2002a, p. 244). O autor chegou, até mesmo, a dar sinais de que torcia pela revolução: “Agora, restava conquistar o resto da Rússia [os bolcheviques tinham poder, então, apenas na capital, Petrogrado]... e depois o mundo!” (REED, 2002a, p. 210).

Nos outros dois livros – *México rebelde* e *Guerra dos Bálcãs* –, contudo, Reed obedeceu pouco dos “quatro processos fundamentais” observados por Gaye Tuchman. A

diferença de ambos para *Dez dias...* está, sobretudo, no tipo de informação pretendida pelo repórter: na Rússia, noticiar a revolução em si, como ela aconteceu; no México e no Leste Europeu, retratar o cotidiano e os costumes dos respectivos povos, em meio a um conflito armado. As provas apresentadas, nestes casos, eram os próprios testemunhos. Depois de passar noites na companhia das tropas de Pancho Villa, Reed notou que a caricatura criada nos Estados Unidos sobre o mexicano, visto como “fundamentalmente velhaco”, era mentirosa.

Vivi por duas semanas com um bando de ex-foragidos, tão rudes como aqueles que havia no exército. Não tinham disciplina, nem educação. Muitos odiavam, de coração, os *gringos*. Há seis semanas não recebiam nenhum centavo [...]. Eu era um estrangeiro, sem armas e muito bem equipado. Possuía cento e cinquenta pesos, que guardava à vista de todos, debaixo do travesseiro, quando me deitava para dormir. Nunca me desapareceu nada. (REED, 1968, p. 45)

As críticas aos países beligerantes da Primeira Grande Guerra soaram em razão da destruição vista. Reed constatou que a então capital da Sérvia, Belgrado, tinha “em todos os lugares” efeitos de ataques de artilharia: “Grandes buracos com quase 5 metros de diâmetro escancarados no meio da rua”; “casas sem porta, com telhado desabando nas calçadas e a armação das janelas balançando inutilmente sem nenhum resto de vidro”; “ogivas tinham atravessado o telhado do palácio real e destruído seu interior”; “a Universidade de Belgrado era apenas um monte de ruínas” (REED, 2002b, p. 69-70).

Estes estragos eram frutos de quatro anos de guerras. Como se não bastasse, a Sérvia ainda sofria o ataque de uma “peste devastadora”. A situação calamitosa não passou despercebida: apesar “das ruínas de todo um povo, ambições imperais já brotavam” (REED, 2002b, p. 47). Por fim, Reed declarou: “A que conflitos tremendos a ambição sérvia conduzirá!” (2002b, p. 102).

Dos itens apontados, o 4 – a estrutura externa do texto jornalístico – é o que Reed, definitivamente, não utilizou. Para isto, duas prováveis explicações: “A ‘objetividade’ só se vai impor como ‘ideologia’ profissional precisamente quando a tal religião positivista do ‘factual’ entra em crise, no início do século XX, e sobretudo após o fim da Guerra de 1914-18” (GLASSER *apud* MESQUITA, 2005, p. 24). Ou seja, na época de Reed, *lead* e pirâmide invertida (modelos clássicos da propaganda objetividade atual) não tinham se consolidado e a formatação final do texto ficava a cargo do repórter, sob orientação do jornal para o qual trabalhava.

A outra justificativa se baseia nas características das “extensas reportagens romanescas” de Reed, conforme denominação de Albert Chillón. O repórter norte-

americano não narrava numa possível ordem de relevância dos acontecimentos. Para Chillón, “apesar [das obras de Reed...] se estruturarem isocronicamente, seguindo o tempo real, existem nelas [...] um enredo de caráter romanesco, uma organização da história em relato, feito mediante os recursos do romance” (1999, p. 156). A ótica, portanto, era a da literatura e, não, a do jornalismo objetivo ora questionado.

Este, por sua vez, pregava a “impessoalidade do estilo”, o contrário do praticado por John Reed. Segundo o teórico Mário Mesquita, “há [na doutrina normativa da objetividade] uma anulação do ‘eu’ que se dissolve num sujeito indeterminado que fala de um lugar desconhecido. Tudo funciona como se os acontecimentos se contassem a si próprios, como se os fatos se apresentassem a si mesmos” (2005, p. 15).

A falta de encaminhamento e de interpretação de uma reportagem foi duramente condenada pelo jornalista Eugênio Bucci. Para ele, o “bom jornalismo” não pode fugir “da impostura da neutralidade” e tem que ter “pretensão de compreender o que se passa”. O argumento de Bucci, é o acúmulo da “anulação do ‘eu’ verificada por Mesquita: “Vivemos um momento em que a imprensa proporciona uma gigantesca oferta de dados, mas carece de informações; anda atulhada de opiniões, mas raquítica em visão de mundo; lista fatos e mais fatos, mas quase não tem reportagem” (1996).

Eugênio Bucci assinou tais impressões na orelha do livro *A arte da reportagem*. Tal publicação lista mais de cinco dezenas de reportagens que configuram, no entendimento dele, “bom jornalismo”. Entre as selecionadas, está um capítulo de *Dez dias que abalaram o mundo*.

Segundo Mário Mesquita, na “doutrina da objetividade”, em especial na escola dos Estados Unidos, tem-se diferenciado notícia de história, principalmente, pela caracterização específica do leitor: “público” e “multidão”, respectivamente.

Esta distinção [entretanto] é irrelevante do ponto de vista das análises textuais, visto que ‘notícias’ e ‘histórias’ remetem, afinal, para formas de expressão em que predominam os registros narrativo e descritivo. O que está indiretamente em jogo é a questão da veracidade da informação. (MESQUITA, 2005, p. 19)

Além da subjetividade, a oposição a John Reed cresceu pela polêmica em torno da invenção de acontecimentos. Antes, porém, torna-se relevante dizer que tradicionalmente jornalistas literários lançaram tanto livros factuais quanto ficcionais. Praticaram jornalismo em uns e romance, em outros. São variados os casos de renomados repórteres que publicaram também livros imaginativos, por exemplo, Tom Wolfe, em *A Fogueira das*

vaidades. A recíproca também é verdade. Interessante lembrar que John Reed não se enveredou, ao menos oficialmente, para o mundo verossímil.

Suspeitas há. A introdução de *Dez dias que abalaram o mundo* questionou o fato do autor afirmar, freqüentemente, que o Instituto Smolni “fervilhava de atividades, [com] luzes brilhando a noite inteira, [e com] mensageiros e guardas vermelhos lotando os corredores”. O texto que antecipa a obra, publicado pela Ediouro, na coleção *Clássicos de Outro Ilustrados*, fez uma denúncia grave:

O Smolni é descrito como uma espécie de colméia, com poucos detalhes sobre o que as abelhas estariam fazendo. Isso, de fato, Reed não sabia. Embora simpatizante, ele era um jornalista estrangeiro, e os bolcheviques lhe revelariam poucos de seus segredos. Reed, como todo bom repórter, passa a impressão de uma agitação sem arrefecimento. Na verdade, na maior parte do tempo, nada acontecia, e Reed então se ocupava apenas em conversar com outros jornalistas americanos. (REED, 2002a, p. 14)

Estranho notar, todavia, que o argumento seria de que Reed, por ser norte-americano, teria circulação restrita no “quartel general” bolchevique. Além de entrevistar León Trotski, o jornalista usou páginas e páginas para descrever o dia-a-dia das discussões no Smolni, como a leitura, de Vladimir Lênin, da “Proclamação aos povos e governos de todos os países beligerantes”. Há outros dois episódios, relatados por Reed, que merecem destaque: “Em 28 de outubro, nos corredores do Smolni, falei com Kameniev [líder bolchevique], um homem baixinho de barba ruiva e jeito de latino” (2002a, p. 119); e “Na sala de número 10 do último andar [do Smolni], o Comitê Militar Revolucionário estava em assembléia contínua, sob o comando de um garoto de 18 anos chamado Lazimir. Quando passava, parou para um tímido aperto de mão” (2002a, p. 148).

A polêmica deve persistir, mas Reed contribuiu para abafá-la. Ele teve o cuidado de explicitar os acontecimentos que não testemunhou. A contra-revolução crescia na Rússia e uma comissão foi designada para “inspecionar a frente”. O autor foi impedido de subir no carro, “no entanto, um russo conhecido meu, a quem chamarei de Trusishka, entrou calmamente no veículo, sentou-se e não houve meio de tirá-lo dali...”. Antes de narrar os desdobramentos da visita ao *front*, alertou: “Não vejo razão para duvidar do relato feito posteriormente por Trusishka sobre essa viagem” (REED, 2002a, p. 296-7).

Na Sérvia, Reed informou que a cidade de Shabatz tinha todas as 2,5 mil casas “destruídas”, “incendiadas” ou “saqueadas”. Ele recebeu a informação que, na primeira invasão austríaca,

três mil homens, mulheres e crianças foram amontoadas [numa igreja] sem comida e sem água por quatro dias e depois divididos em dois grupos: um foi enviado para

a Áustria como prisioneiros de guerra, o outro foi levado à frente do exército enquanto este marchava para o sul contra os sérvios. (REED, 2002b, p. 83)

Não contente somente com a história, Reed garantiu que “isto não é boato sem fundamento nem uma acusação histórica [...]. É um fato comprovado por um conjunto de testemunhos feitos sob juramento, por centenas de pessoas que fizeram parte daquela marcha terrível. Conversamos [Reed e Robinson] com várias dessas pessoas”. Ainda desconfiados, ambos foram à prefeitura de Shabat: “Examinamos centenas de relatórios, declarações juramentadas, por escrito, e fotos com nome, idade e endereço das vítimas, assim como detalhes sobre as coisas horríveis que os austríacos fizeram” (2002b, p. 83-4). No México, quando não teve certeza de um fato específico, Reed disse que se baseava nas “informações que pude colher” (1968, p. 261).

Tais atitudes foram honestas e, ao mesmo tempo, arriscadas. Neste particular, Reed não se escondeu no que a socióloga Gaye Tuchman chamou de “baluarte” entre jornalistas e críticos: o termo objetividade. “Atacados devido a uma controversa apresentação de ‘fatos’, os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos” (1999, p. 75). Sem invocar a objetividade, o repórter tornou-se presa fácil das contestações acerca da veracidade dos acontecimentos relatados.

Se Mário Mesquita descartou objetividade como “espelho do real”, Daniel Cornu descaracterizou as noções de “imparcialidade” e de “equidade” dadas à doutrina:

Se a Objetividade é a atitude ou o método que permite relacionar a realidade com a verdade, *ver as coisas como elas são*, em nada é satisfeita por uma política de informação que só visaria o equilíbrio ou a neutralidade. A própria realidade é brutal, excessiva, conflitual. (CORNU *apud* MESQUITA, 2005, p. 27)

A saída para retratar a realidade, segundo Mesquita, deve ser “observar, interpretar e narrar” à luz de fatos factuais, com o devido rigor na apuração. Assim, “a razão da existência profissional” do jornalista estaria assegurada (2005, p. 35). O tripé básico, alegado pelo teórico português, foi comumente usado por Reed.

No fim do artigo *Teorias e práticas do jornalismo*, Mário Mesquita procura uma fórmula de legitimização do jornalismo. “Não será seguramente através da ‘tecnicização’ [...]. Tampouco será possível sugerir aos jornalistas o regresso à inocência e à ingenuidade do ‘contador de histórias’ anterior à emergência da sociedade midiática”. Diante da própria hesitação, saiu-se com esta: “Talvez a invocação da contribuição para a ‘verdade dialógica’, através de *narrativas e testemunhos parciais*, mas complementares, seja a atitude possível e razoável” (MESQUITA, 2005, p. 36, grifo meu).

Desnecessário lembrar que, acima da discussão entre objetividade e subjetividade, foi o testemunho parcial que fez de Reed um jornalista eminente, já no início do século XX. Independentemente das posições políticas, ele é lembrado pela cobertura “ao vivo” de acontecimentos de grande relevância. Afinal, não era apenas o repórter nascido em Portland que cobria a Revolução Mexicana, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa. Havia muitos outros correspondentes internacionais. O mais destacado, daquele período, porém, foi John Reed.

CONCLUSÃO

John Reed contribuiu, sobretudo, para a consolidação do jornalismo verídico. À época, eram comuns dois tipos de textos: os inventivos e os que seguiam a recém criada doutrina da objetividade. Ele não seguiu nenhum deles. Fez jornalismo de forma particular: com relatos factuais, técnicas ficcionais e narrativas engajadas e subjetivas. Reed não era nem um romancista realista nem um novo jornalista, no sentido do *New Journalism*. Foi um marco entre um e outro.

Para isto, o testemunho teve papel preponderante. As coberturas “no calor dos acontecimentos” permitiram-lhe a compreensão total dos episódios. Ao ver o que se passava, Reed narrou, nos mínimos detalhes, a Revolução Mexicana, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa. Assim, deu novo significado dos eventos para o leitor, ao maximizá-los com a voz e o cotidiano popular.

Reed assumiu todos os riscos e interpretou os fatos. Subjetiva e engajadamente, narrou tudo que viu, doesse a quem doesse. Julgou povos, como o romeno, ao compará-lo ao demais: “É preguiçoso e orgulhoso, como o espanhol, mas sem o tempero espanhol. Cético e libertino, como o francês, mas sem o gosto francês. Melodramático e emotivo, como o italiano, mas sem o charme italiano” (REED, 2002b, p. 252-3).

O autor pode ser leitura pouco indicada nas academias brasileiras por não seguir absolutamente a objetividade, mas nem isso, à época, era claro. Segundo o professor português Mário Mesquita (2005, p. 26), “por volta de 1970” (40 anos depois da morte de Reed), os “códigos” morais dos jornalistas estamparam o conceito da doutrina. Na verdade, o repórter norte-americano se antecipou às teorias e mostrou, na prática, que jornalismo se faz na “rua”, com rigor na apuração.

John Reed não era neutro, tomava partido e explicitava isso nas reportagens. A vivência dos fatos fazia-o pensar e dar respostas ao público. São por essas e outras que ele não passou despercebido. Ao marcar posição e inovar na narrativa, Reed entrou para história do jornalismo literário.

O esgotamento das discussões não pára por aqui. Este trabalho levantou questões polêmicas, mas a devida profundidade da pesquisa força outros caminhos: livro-reportagem; problemática do jornalismo literatura como prática jornalística; reportagem de interesse humano (sensacionalismo) *versus hard news*; papel do jornalista; doutrina da objetividade e sua validade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BUCCI, Eugênio. Fatos e menos fatos. In: FUSER, Igor (org.). *A arte da reportagem*, v. I. São Paulo: Scritta, 1996. Informação retirada da orelha do livro.

CHILLÓN, Albert. *Literatura y periodismo: una traducción de relaciones promiscuas*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 1999.

EMERY, Edwin. *The press and América: an interpretative history of journalism*. 2ª ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1962.

FAERMAN, Marcos. A longa aventura da reportagem. In: DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1998, p. 147-163.

FRAZIER, Ian. John Reed's – Unblinking Stare. *The American Scholar*, v. 71, p. 29-39, 2002.

FUSER, Igor (org.). *A arte da reportagem*, v. I. São Paulo: Scritta, 1996.

KNUDSON, Jerry. John Reed – A Reporter in Revolutionary Mexico. *Journalism History*, v. 29, p. 59-68, 2003.

MESQUITA, Mário. Teorias e práticas do jornalismo – da era do telégrafo ao tempo do hipertexto. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. XXVIII, n. 2, p. 11-41, jun/dez, 2005.

REED, John. *México rebelde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

REED, John. *A filha da revolução*. São Paulo: Conrad, 2000.

REED, John. *Eu vi um novo mundo nascer*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo: a história de uma revolução*. São Paulo: Ediouro, 2002a.

REED, John. *Guerra dos Bálcãs*. São Paulo: Conrad, 2002b.

TCHUMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1999, p. 74-90.

VENTURA, Zuenir. Apresentação. In: REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo: a história de uma revolução*. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 9-11.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Internet

CAMPOS, Pedro Celso. *A reportagem*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da100420026htm>>. Acesso em: 4 maio 2006.